Rio, 14 de Novembro de 193
PREÇO: 1$000

BAYER

Segurança

"Segurança"! Não ha precaução que baste quando se corre um perigo por mais remoto que pareça.

CLARA e evidente como a luz solar é a virtude caracteristica da

CAFIASPIRINA:

absoluta efficiencia, junto á inoffensibilidade de sua acção sobre qualquer orgão.

É tal virtude que a faz ser universalmente conhecida como

o producto de confiança.

O seu effeito é immediato contra qualquer dôr, de dentes, de cabeça, de ouvido; nevralgias, enxaquecas, colicas de senhoras. Levanta as forças e produz um bem estar geral.

Exija-se a emballagem original: tubos de 20 comprimidos, envelop-pes de 2 e discos de 1 comprimido.

O CONTO BRASILEIRO

VIDAS SOLITARIAS

CARLOS RUBENS, escriptor e jornalista de brilhante talento, com um nome irradiado pelo Brasil inteiro, vae dar-nos ainda este mez o seu novo livro — "O que as mulheres não contam", no qual reuniu alguns contos modernos, de suave e encantadora observação psychologica. "Vidas solitarias", que aqui publicamos em primeira mão, é um dos contos dessa obra de ficção de Carlos Rubens.

MAURO VILLAÇA sahiu do escriptorio e foi espairecer na rua. Sorver ares livres. Na Avenida, entrou no bar da "Brahma" e bebeu qualquer coisa, que pedira com indifferença. Parece que fôra um "Kummel". Em companhia de um amigo, levantou-se depois e seguiu até a praça Floriano, onde ficou olhando os cartazes luminosos dos cinemas, as mil luzes dançando na noite, esplendendo nos nomes de artistas famosos.

Deixando o amigo, entrou no Odeon. Para isolar se. Para esquecer. Não conseguiu isolar-se nem esquecer. Na téla, o que ia correndo não era um drama de amor, mas a sua vida infeliz, mosaicada de duvidas e pezares. Amarfanhada. Era a sua vida que se reproduzia no panno.

Sahiu do cinema e tomou um bonde, rumo de casa, na Gloria. Ahi procurou ler e não leu; tentou escrever e não escreveu; quiz dormir e não dormiu. E todo esse padecimento vinha de uma mulher, que é a fonte humana de todas as inquietações.

No dia seguinte, procurou falar com a causadora da sua desventura: Laura Côrtes. Leval-a onde ambos pudessem conversar á vontade, desabafar, expandir-se. Tomaram um auto e foram para a Quinta da Bôa Vista. A castidade luminosa da manhã pairava sobre as velhas arvores e a agua morta dos lagos. Manhã rescendente, limpida, azul. Harmoniosa. Nos altos ramos, no veludo dos grammados, pelos caminhos, os pardaes voejavam ou poisavam cantando em festa de nupcias.

No banco de uma alameda, sentaram-se. E a conversa que começava desde o encontro na rua ahi proseguiu.

— Não. Não devemos continuar, disse elle. Será melhor para nós ambos. Eu suppûz que você fosse uma creatura levianа como tantas outras, fazendo do mundo o que elle devêra ser e não o que é. Uma creatura facil e sem ternura affectiva. Sem amor. Você é bôa e sincera. Bôa. E honesta. Eu, leviano e máo. Gozador. Homem. Pensei que pudesse têl-a ao menos como uma pessôa muito prezada. Muito amiga. Nem isso mereço.

— Não comprehendo você, disse ella. Que queria, porventura, que eu fosse na vida? Mais infeliz do que sou? Mais triste? Ou uma creatura que se não preza, dessas para quem o prazer material é a melhor virtude? A experiencia adquirida nos trabalhos em que se exauro a mocidade, o heroismo de não tropeçar entre tantos escolhos, o temor ás aventuras, deram-me animo de ver as coisas por prisma talvez desagradaveis para muita gente, frios talvez, mas que são para mim um escudo, porque são uma força que me salva.

— E a insensibiliza.

— Não. Você mesmo bem poderia provar o contrario. Tenho-lhe demonstrado sentimentos nada brutaes. Que quer que eu seja para você? Mais do que tenho sido? Não chegam as minhas preoccupações, as minhas saudades, o prazer revelado pela sua presença? Não basta trazêl-o nos meus olhos, vendo-o em tudo, no meu coração e na minha alma, sentindo-o sempre? Os homens são egoistas e máos. Olham muito o gozo que não perdura e esquecem as vidas desamparadas e solitarias. Querem satisfazer a sua animalidade e não lembram as vidas que desejam florescer na ventura renovada e perenne. Egoistas e máos. A mulher é o fructo que elles provam e atiram no caminho...

— Você julga mal os homens, arriscou elle, como si não tivesse podido dizer outra coisa.

— Talvez. E gosto de você e queria que você gostasse de mim com o mesmo intuito. Para que as nossas vidas se fundissem numa só e os nossos amores se perpetuassem num só amor. Você pensa de modo differente; dahi as divergencias, os tédios, os enfados... E eu não viveria tão só, eu não teria tanta incerteza nos dias que vão vir, eu não seria tão desgraçada...

Laura Côrtes soluçava ao lado de Mauro Villaça, que começava de commover-se e agora sentir melhor do que nunca, que ella era uma creatura que merecia amparo e merecia amor. Sentia que Laura Côrtes era uma creatura que o Destino deixára só na terra, só ao sabor das concupiscencias e dos revézes, só, a lutar e a manter-se digna e só, heroicamente. E que sentia sobre a immensa solidão da sua existencia, sobre tantos percalços e inquietações, a necessidade de uma affeição purificadora, que lhe irizasse os dias ermados e sem brilho.

Transmudavam-se assim os sentimentos de Mauro Villaça. A rosa da manhã translucida, casta e purpúrea, desabrochava por sobre o parque cheio de festa nos ramos.

E Laura Côrtes tinha razão. Queria viver, sentir o lado bello da vida.

Havia realmente, por este valle de lagrimas, vidas desamparadas e melancolicas. Sem estimulo e sem esperança. Vidas sem amor. Negações de vida. E olhando os olhos de crepusculo de Laura Côrtes, tão humidos e magoados, cheios de uma grande dôr sem consolo; olhando-lhe as faces morenas; os cabellos em cuja noite densa já havia estreias subtis de luar em insinuação de velhice precoce; recordando-lhe os gestos moraes de tanta delicadeza e ternura — o homem foi menos féra. Humanizou-se. Vibrou-lhe no intimo um requicio bom de piedade e amizade. E teve uma pena enorme, profunda, da creatura formosa que tinha ao seu lado. Pensou no futuro della, se uma affeição lhe seria mesmo uma ventura de toda a vida ou um novo viver de dissabores e tristezas.

Laura Côrtes sentia-se já mais desafogada. A sua melancolia achava uma correspondencia no coração de Mauro Villaça. Teria elle comprehendido por que se lhe não entregára de vêz? Por que não fôra ainda toda sua? Por que resistira sempre ás suas propostas disfarçadas? Parecia que sim, porque elle mesmo disse:

— Comprehendo melhor porque você não tem sido bôa para mim como eu desejava. Comprehendo melhor as suas resistencias. Os seus temores. De qualquer modo, havemos de nos entendermos mais um pouco daqui por deante.

— Para uma felicidade de toda a vida?

— Talvez.

Na manhã finda um élo de melancolia e de esperança os prendia, pairavam sobre elles indecisões e venturas.

Levantaram-se muito unidos e lá se foram pela alameda rumurosa, pisando o chão de sombras amenas, vendo o sol irradiar pelos caminhos, nos lagos e nas arvores, e ouvindo os passaros felizes cantando nas toucas verdes...

Felizes elles tambem? Quem sabe lá...

CARLOS RUBENS

O Sr. LAGARDE

O SR. ALBERICO LAGARDE empurrou a porta da casa de antiguidades e entrou.

Robusto, forte, espadaúdo, o sr. Lagarde, que vestia com apreciavel elegancia, tinha uma bella cabeça de fauno. Sua alma era grande, porem, e seu coração, o coração de um adolescente ainda ingenuo.

Aos cincoenta annos, em situação favoravel, resolveu transformar sua vida que, até ahi, sempre fora pautada por uma linha de irreprehensivel austeridade. Durante vinte annos dirigira uma importante drogaria, que lhe legara seu pae. Durante vinte outros annos, tirados a esses vinte e cinto, fora, tambem, o virtuoso marido de sua virtuosa mulher boa esposa, boa dona de casa, boa commerciante, boa mãe, excellente creatura, emfim, que não era desprovida de dotes physicos mas que não admittia se pudesse ter da vida outra concepção que não a sua, que era rigida, economica e monotona.

Havia dois annos desapparecera essa esposa-modelo, deixando ao sr. Lagarde uma filha unica cujo casamento se realizara ha pouco. Cumprido este dever paternal, o sr. Lagarde vendeu, vantajosamnte, sua casa de commercio e viu-se livre e rico.

E, foi, então, chegado o memento de realizar o seu desejo, durante annos calada mas ardentemente acariciado, de gozar a vida — quer dizer de agir á sua vontade, divertir-se, conhecer os prazeres do amor. Junto á senhora Lagarde, excellente para ser estimada e querida, mas não para ser amada com paixão, *amorosamente* o amor nunca passava de um simples dever conjugal, sem graça, sem *coquetterie*, sem *charme*.

O sr. Lagarde, com a sua boa apparencia, moço ainda como aos trinta annos, segundo estimava, tinha sêde de tudo que não conhecera até então. Começou dando uma feição nova ao seu appartamento, mobiliando-o galantemente, á moderna, quebrando, assim, o tom severo da velha installação. A seguir, mudou de alfaiate, de camiseiro, de sapateiro, e observou escrupulosamente as leis da moda. Pensou, tambem, em supprimir o bigode mas, na duvida de ficar peor sem elle, não o fez.

Depois desses preparativos preliminares, o sr. Lagarde passou a frequentar um club, fez-se *habitué* de alguns "bars" nocturnos e arranjou, para exercer sua actividade durante o dia, occupação mais condigna, mais de accordo com a sua vida mundana: e, sem entender do assumpto, improvisou-se amador de *bibelots* antigos, passando a percorrer todos os antiquarios.

Era na casa de um delles que elle acabava de entrar numa tarde chuvosa e quente. O estabelecimento era sombrio. Um sem numero de objectos differentes espalhavam-se em desordem. Confusamente o sr. Lagarde mal distinguiu os reflexos da luz sobre os velhos moveis polidos, o ouro das molduras, as côres claras das télas, a brancura dos marfins, o brilho vivo ou amortecido das armas, dos bronzes, porque sua attenção se fixava numa mulher que, do fundo do estabelecimento, se dirigia para o seu lado. Era alta, joven, de porte distincto, elegante no seu vestido escuro, realçando, através de um decote, um collo muito alvo e bello. Lindos olhos negros, bocca tentadora, vermelha de *rouge*.

Num relance, o sr. Lagarde observava tudo isso, apesar da penumbra. Ouvia depois uma vóz pausada, harmoniosa, cantante, a lhe perguntar que desejava. Ficou um tanto atrapalhado, quasi intimidado. Quasi balbuciou que era collecionador. Procurava... sim procurava bronzes.

Com um gesto de sua mão fina e pallida, ella indicou-lhe uma cadeira. Depois, trouxe-lhe varios bronzes antigos, ou tidos como taes, cinzelados, e não cinzelados e ia dizendo a data, a origem e o valor de cada um. O sr. Lagarde não comprehendia bem aquillo. Apenas escutava a bella vóz harmoniosa e fitava, sem muita insistencia, receiando tornar-se inconveniente, aquella linda physionomia, serena e grave, de mulher. Sentia-se bem naquelle enorme salão silencioso, entre aquelles vestigios do passado, que admirava, e, sobretudo, proximo de uma creatura nobre como as coisas, os objectos que vendia.

No emtanto, o tempo passava e o sr. Lagarde teve de se retirar. Pagou, sem discutir preço, varios bronzes, annunciando que voltaria por aquelles dias, e despediu-se, cerimoniosamente, da bella creatura.

Quando se viu na calçada, foi com penosa sensação que deixou aquelle recanto de delicias que a presença daquella linda mulher lhe déra a impressão de ser encantado. E notou, então, que estava enamorado, que se apaixonara.

De Frederico Boutet

Depois da transformação que operava em sua vida, dentro daquelles seis mezes, o sr. Lagarde ainda não havia encontrado o amor que procurava e que era o motivo superior das suas mais vivas aspirações. Não o seduziam as creaturinhas dos *bars* e dos *dancings*, mulheres que se entregavam ao primeiro homem que as desejasse. Elle era delicado, terno, sentimental, sentindo-se capaz de amar apaixonadamente e desejava, por sua vez, tambem ser um pouco amado, sem se preoccupar muito se isto seria possivel na sua idade. Pareceu-lhe, assim, providencial a descoberta da creaturinha da casa de antiguidades. Aquella ao menos, era digna de ser amada e, se se contentasse em se deixar amar, é porque viria a amar tambem...

O sr. Lagarde difficilmente se conteve para, logo no dia seguinte, no voltar ao paraiso de antiguidades, que descobrira. Não foi, mas, no segundo dia lá estava e, depois, diariamente.

A bella creatura não parecia admirar-se muito dessas visitas quotidianas, que attribuia, ou fingia attribuir, ao desejo que tinha o excellente cliente de completar sua collecção. A pouco e pouco, porem, o sr. Lagarde conseguiu levar a palestra para outros assumptos que não fossem os de arte antiga. Então, ella, depois de lhe ter ouvido a sua historia, falou, tambem, da sua vida. Orphã, vivia com uma velha parenta. Chamava-se Denise Allorge. Pobre, obrigada a ganhar a vida, empregou-se naquella casa como "vendeuse", o que lhe não fora muito difficil obter devido os conhecimentos artisticos que lhe proporcionara a esmerada educação que recebera antes da ruina e da morte de seus paes. O proprietario do estabelecimento estava, no momento, em excursão de compras nas provincias.

O sr. Lagarde ouvia apaixonada e enternecidamente essas confidencias. Quando chegava algum visitante, reclamando, assim, a attenção de Denise, elle se sentia prejudicado e enciumado. Eram-lhe tão gratas aquellas visitas que, para não deixar Denise, não se retirou de Paris durante o mez de agosto. Falava-lhe, agora de seu estado de alma, e arriscou, mesmo, allusões mais directas e mais claras relativamente á admiração que tinha por ella.

Ella, a principio, pareceu não comprehender bem, depois deante de uma declaração mais clara, respondeu:

— Senhor, não tenho outro bem no mundo a não ser a minha virtude e outra alegria senão vêl-a. Não me force a renunciar a isso.

Sem comprehender direito a ambiguidade dessa resposta, o sr. Lagarde apertou, agradecido e commovido, a mão de Denise que fixou bem nos olhos, demoradamente, silenciosamente.

"Sou amado", disse para si mesmo.

E talvez fosse amado, mas não teve outras provas, nem fez qualquer tentativa capaz de offender a virtude de Denise, a quem elle tanto amava como respeitava.

— Breve não nos veremos mais, disse-lhe, um dia, Denise. Meu patrão escreveu-me dizendo que vae vender seu estabelecimento d'aqui para adquirir um outro em Bordeaux. Deverei seguir para lá, e isso me será bem penoso...

O sr. Lagarde empallideceu, aterrado, no primeiro momento. Depois, disse, com decisão:

— E' impossivel. Opponho-me a isso. Compro o estabelecimento e passo-o para você.

— Não; não tenho nenhum direito a isso. E, depois não seria assumir perante o sr. um compromisso que eu não poderia manter?

— "Que delicadeza de sentimentos!" — pensou o sr. Lagarde, que reflectiu durante toda a noite, para, no dia seguinte, voltar com uma resolução definitiva.

— Denise, não compremos nada. Amo-a e caso-me com você. Quer?

— Sim, disse Denise. Tambem o amo. Mas, apesar de tudo, compra-me a casa. O commercio não me aborrece. Tomarei empregados para me auxiliarem. Assim não ficarei inteiramente a seu cargo.

— Sim, meu anjo, como tu quizeres.

E o sr. Lagarde casou-se com Denise. Mas, apesar do seu amor, logo se compenetrou de que ella tinha da vida uma concepção rigida, economica e monotona, inteiramente igual á da primeira senhora Lagarde. Isso de liberdade e de prazer não se fizera, pois, para elle. A transformação de sua vida não passou de um curto sonho que não chegou a se realizar. Apenas, de droguista elle passara a antiquario. E foi tudo...

Terra

Gilberto

ZE' VICENTE morava lá para as bandas do "Sitio do Meio". Como todo tabaréo que se preza, tinha um desejo plantado no coração como a ferrugem teimosa comendo o ferro abandonado: possuir alguns palmos de terra onde pudesse cultivar cereaes sem a "meia" de rendeiro. "O patrão, — dizia elle, — mais sério e mais camarada, fica com tres partes do suor da gente." Desse dito, concluia-se perfeitamente o que elle queria dizer dos que não eram sérios e tão pouco camaradas.

Com as economias tremendas que fazia, economias que attingiam ás raias da miseria, Zé Vicente conseguia aos poucos o capital para comprar o almejado terreno.

Alimentava-se de caça, adquirida em "fojos", para não gastar em polvora e chumbo o dinheiro que lhe cahia ás mãos. Não usava sapatos, nem chinellos, nem palitó, nem gravata: com os pés eternamente mettidos na lama e camisa de xadrez ordinario arregaçada até os cotovellos, andava ao sol e á chuva, sem preoccupação de saúde, acariciando de continuo o seu sonho de rustico, com uma força de vontade tenaz, inquebravel.

O tempo ia se desdobrando na sua natural successão e Zé Vicente, numa volupia insoffrida, via, cheirava, apalpava e contava as moedas que ganhava, occultando-as usurariamente na sua choça miseravel, sob a cama sórdida, construida de varas de "assa-peixe", trançadas com cipós selvagens.

A morte inesperada de João do Corrego veiu revolucionar a alma negra de Zé Vicente: elle sabia que o morto deixava um bom "tirão de terra" fresca e viçosa, uma viuva e tres filhos. Não lhe interessava, porém, a familia do morto. E começou a dar voltas ao miolo: "A mulher, com duas mocinhas e um rapazola imberbe, todos ainda muito novos para arcar com as responsabilidades e os vexames da lavoura, por certo, acabaria procurando comprador para o sitio e, nessa occasião, elle se apresentaria como candidato, comprando o mesmo por "dez reis de mel coado". E afagou essa idéa durante o resto do dia, quasi toda a noite, nos dias e noites seguintes.

Procurava amiudada e disfarçadamente saber como iam os negocios lá para as bandas do "Corgo", como um cão sabido farejando a paca sestrosa.

Diziam-lhe que a mulher do João era um verdadeiro homem na substituição do marido morto: colhia a safra existente e cavava a terra plantando novas sementes na esperança de colhêl-as futuramente. Isso para elle constituia uma funda amargura e passava a noite em claro, sem pregar olho, mexendo-se nos páos da cama dura e miseravel. Lá no fundo da sua alma, porém, a esperança vivia como uma cobrinha de coral, vermelha e buliçosa, fustigando-lhe a coragem e fazendo-lhe a espera mais supportavel, mais suave.

Sua choupana distava meia legua do "Corgo" do fallecido. E elle, para não levantar suspeitas e não dar que falar ás más linguas, indo muito amiude á casa de uma mulher viuva de fresco e ainda bem conservada, somente aos domingos pela manhã, de escopêta ao hombro, fingindo que caçava, apparecia por aquellas bandas como quem não queria nada e, encostando-se no "pilão" de café ao lado do "girau", entabolava conversação com d. Chica, — mulher do morto, — forçando-a por bôas maneiras á confissão de "como as coisas iam".

A mulherzinha, vivendo no matto, só com os filhos e uns poucos diaristas, gente do seu meio e sem novidades para narrar, a "viva alma" que longe em longe por ali apparecia era motivo para que ella désse que fazer á lingua, desenferrujando-a. E não tinha mãos a medir! Contava tudo tim-tim por tim-tim, sem omissão de quanta coisa havia. "Quanto fumo tinha "acamado" e quantas arroubas esperava que désse; quantas quartas de farinha vendêra na ultima feira e o preço que conseguira; o seu desespero em virtude do grillo ter cortado da noite para o dia uma infinidade de pés de fumo "capados" de novo; emfim, tudo que se passava de bom ou de mão durante a semana finda, o Zé Vicente, em "meio dedo" de conversa fiada, ficava sabedor. Então, no meio das palavras de desgosto, das queixas, arriscava uma insinuação, fingindo-se o mais simplorio e desinteressado dos homens:

— Pruque vossimicê não vende as terra e não pricura miorá a sua vida e de mais seus fios?... Isso é munta labuta pra uma muié sozinha!

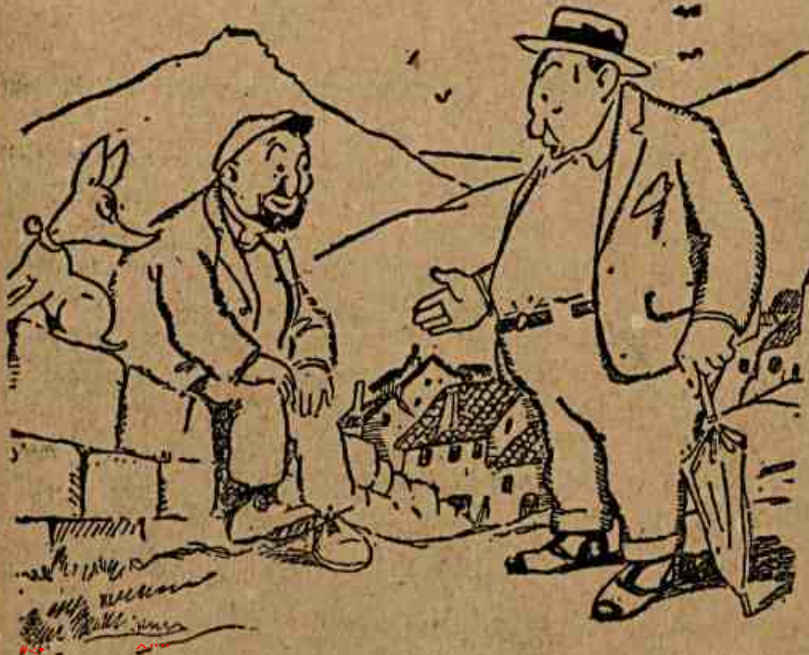
Ella, então, lhe respondia que naquella tarefa existia o amor do seu homem "qui tava na santa paz do Senhor" e que com os maiores sacrificios procuraria conservar o trabalho deixado e a sua memoria para sempre.

Zé Vicente regressava triste, mas, não desilludido.

— Um dia, a casa cáe! — monologava.

O terreno que elle cultivava estava "cançado" e pouca coisa dava. O fumo ou a mandioca nasciam rachiticos e rachiticos se creavam. O milho "embonecava" tardiamente, minguando os grãos de tal modo, que quasi nada se aproveitava da safra. A mandioca não botava raiz lá grande coisa: muita agua e pouquinha gomma. O fumo "queimava" com qualquer "olho de sol" mais forte, porque a terra já não tinha "sustança" para enfrentar a canicula. A saúva em grande escala constituia a maior praga e o maior flagello de Zé Vicente. E era de vêl-o, altas e perdidas horas da noite, de facho ou lampeão de kerozene fumarento em punho, a ministrar rosalgar nos buracos das formigas devoradoras. E, nesse pelejar constante, lembrava-se sempre: "Lá sim. Lá é que é: terreno novo, viçoso, onde cem braças quadradas cobertas de fumo dariam para mais de trinta ou quarenta arrobas"!

Tudo de bom era lá. Tudo que prestava somente o terreno da mulher do finado João do Corrego continha.

Essas e outras coisas iam-lhe dando cabo da paciencia. Até ali

— Que logar este! Sem telegrapho, nem telephone, nem estrada de ferro, os senhores não podem communicar-se com ninguem...
— Para os casos urgentes, nós temos a telepathia, meu amo...

Maldita

Veiga : : : : :

não havia pensado em mais nada além da compra do sitio. Agora, de permeio, entrava-lhe uma duvida, que pouco a pouco lhe minava a coragem: "Si d. Chica continuasse a cultivar as plantações com o mesmo ardor do marido?!" E ficava furioso ao pensar na possibilidade dessa continuação.

Os dias iam correndo e Zé Vicente não se descuidava do "Corgo", jamais deixando de afagar o seu ideal, embóra meio titubeante.

Num sabbado de feira, elle encontrou na Villa o pequeno Luiz, filho da viuva. E foi, entabolando conversa em torno de tudo que se passava na casa deste. O rapazinho, despido de malicia, sem ver outra intenção além da amizade do "seu Zé", lhe fizéra vêr o descontentamento da mãe, em face dos recursos que diminuiam ao tempo em que a roça mais e mais carecia de braços e de coragem para conserval-a e augmental-a.

Os olhos do matuto se illuminaram de alegria. A desgraça alheia, — aquella desgraça, — era para elle a maior ventura. E, deixando o pequeno entregue aos seus afazeres, foi por alli em fóra pensando no seu proximo negocio em vias de realização, beber uma "talagada" na venda do "seu" Herminio.

Mal o sol rompêra a bruma do nascente do dia seguinte, elle pegou da espingarda e rumou ao Corrego pelos caminhos orvalhados, onde o astro rei punha reflexos de ouro liquido.

Quando lá chegou, muito cêdo ainda, viu a dona da fazendola agachada, tirando leite de uma cabra mirim, preta e gorda, emquanto uma das filhas atirava milho ás gallinhas.

— Deus lhe dê bons dias, sá Chica!

— Os mesmos lhe dê Deus, seu Zé!

— Acho vossimicê hoje a modos qui triste!

— Borricimentos! Tenho andado muito contrariada pru via dos negocios, que correm mal a mal!

Nesse ponto, o Zé Vicente atacou, de rijo:

— Eu bem disse pra vossimicê qui isso é munta labuta pra uma muié sózinha, cheia de fios como um caxinguelê. O qui vossimicê devia fazê era negociá as terra e ir morá na Villa com os meninos. Uma quitanda alli, bem surtidinha, dá bão dinheiro e sem os vexame de formiga e podação de fumo, que inté elle não fica melado, pra desconto dos nossos peccados.

Conversa puxa conversa e assim, depois de meia hora, Zé Vicente, bruto, mas perspicaz, comprava, sem mais nem menos, o sitio do fallecido João do Corrego por dois contos de reis, sendo um conto á vista e um em pagamentos de dutentos e cincoenta mil reis dentro de um anno.

Negocio proposto, negocio feito. Dinheiro dado, escriptura passada.

D. Chica fez do seu capital o que bem lhe appeteceu e Zé Vicente se assenhoriou daquella pequena propriedade de valor quatro ou cinco vezes maior do que elle empregára, atacando a terra com unhas e dentes, sozinho ao principio, mais tarde com tres trabalhadores pagos por dia, miseravelmente.

E prosperava a olhos vistos.

Tempos depois, nada devia e os roçados estavam cobertos de verdura farta e abundante. No pequeno pasto, dois muares e duas vaccas leiteiras comiam pachorrentamente a gramma viçosa.

E foi por alli em fóra, prosperando, prosperando sempre.

Nove annos mais tarde, ninguem mais o tratava por Zé Vicente: passou, gradativamente, de "seu Zé" para "Capitão Vicente", de accôrdo com o seu desenvolvimento. Já usava chinellos e aos sabbados, cavalgando uma bonita bêsta castanha de excellente "passo-picado", calçado de botas espalhafatosamente amarellas que elle chamava pomposamente de Russianas, ia á Villa fazer as compras para a despensa da Fazenda, onde tudo era mais caro e da peor qualidade. Estendêra a sua rêde de usura pelas propriedades vizinhas e, como um polvo, lançava os seus tentáculos sobre os pequenos, confiscando-lhes por preços miseraveis o quinhão que a sorte lhes reservára. E aquelle que, resingando, se obstinava em contraposição aos seus desejos, passaria pelo vexame de vêr as suas plantas comidas e esmagadas pelos animaes do grande vizinho. E acabava, fatalmente, cedendo, para gaudio do capitão e augmento da sua propriedade, já famosa pela riqueza e ordem alli reinantes.

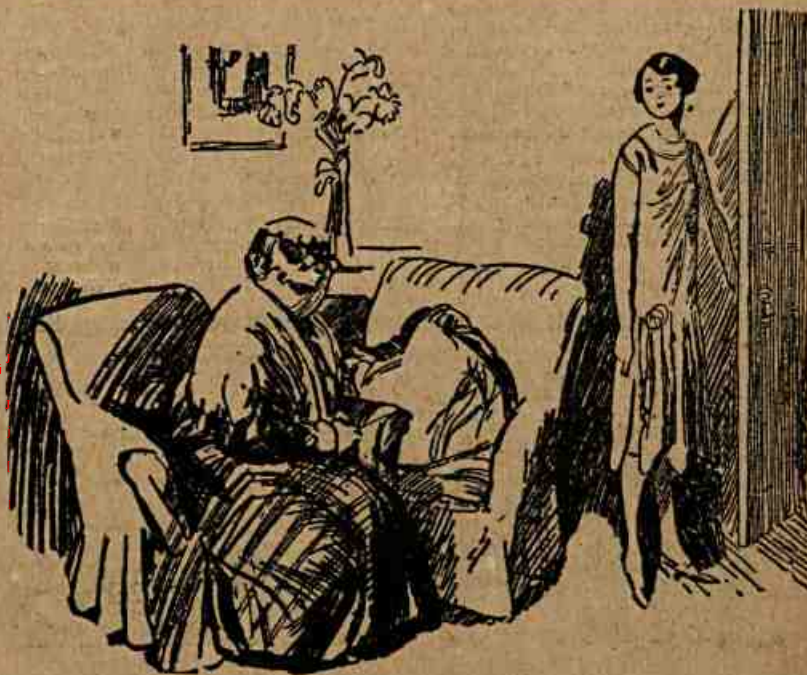
Ao principio, pouco depois que começára a desenvolver seus negocios, o chefe politico da Villa entendeu nomeál-o inspector de quarteirão, vendo nelle um futuro e energico cabo eleitoral. Mais tarde, galgando só degráus do mando pelo dinheiro, chegou a eleitor, juiz de paz, jurado e, por fim, sub-delegado. Para tanto tivéra que queimar as pestanas á luz de lampeões de kerozene, aprendendo a escrever o proprio nome, onde esbarrára, por não precisar saber mais do que isso para ser um dos grandes do logar. Urgia, antes dessa pouca coisa de saber lêr, augmentar cada vez mais, fosse por que modo fosse, o seu nome, aureolando-o de grande vulto. E conseguira-o a poder de dinheiro.

Tinha credito em lojas e armazens da Villa e a sua palavra acatada pelos vizinhos com respeito ou pelo temor, pelo cargo que lhe enfeitava os hombros.

— Era autoridade! — monologavam entre si, transidos de pavor.

Na sua rica fazenda, hoje coberta léguas e léguas de cannaviaes, cacaueiros, cafezaes e magnificos mandiocaes verdes escuros, encontrava-se tudo de que carecia uma vida para ser farta e sadia, pelo menos no tocante ao estomago e ao clima saluberrimo.

A desmedida ganancia do proprietario, porém, não parou ahi: via lá nos confins das suas mattas um pedaço de terra alheia que lhe "estorvava a quadra". Já havia proposto a compra por mais

(*Conclue na pagina seguinte*)

— Por que não quero me casar com elle?... Ora, é muito feio e muito bruto!...
— Mas isso não é motivo, minha filha! Eu não me casei com teu pae?...

Seara alheia

O encantador de serpentes

— E' quasi um fakir. Leva aos labios uma pequena flauta feita de bambú e se ouvem cinco ou seis notas, sempre, as mesmas, como uma phrase ritual que é necessario repetir. Ao mesmo tempo baila, descrevendo uma especie de circulos magneticos ao redor do grande cesto em que estão os reptis. Naquelle momento, a serpente é um verdadeiro deus, um genio, potencia mysteriosa a quem se trata de conciliar, de conjurar, e que é uma sobrevivencia dos antigos ophidios!

Certamente, aquellas notas são uma invocação: é preciso chamar a divindade, decidil-a a apparecer... E, incansavel, o magnetizador, prosegue na sua melodia.

E o deus apparece... Uma cabeça triangular, de esmalte e aço.

E' a Uraeus — a que figura no disco solar em todos os templos de Karnak e que parece adornada com o *pschent* pharaonico. Silenciosa, começa sua dansa ondulante, ligeira, resvaladiça, com uma intuição quasi humana da musica, a fixar, sempre, seus olhos de azeviche no encantador que a vae guiando com a sua fascinadora melodia.

Estranho espirito, o que despertou, de repente, no corpo sinuoso e contorcido do reptil: — vida distante, remota, inquietadora, que se harmoniza com a do homem sob as influencias magicas do rythmo. — ANDRÉ CHEVRILLON.

Monte Carlo

— Monte Carlo é uma cidade muito feia; Veneza uma cidade formosa e, Londres, uma cidade que commove. Mas, Londres é capaz de nos aborrecer e Veneza de

Terra Maldita

(Conclusão)

de uma vez, sem que o seu dono, um velho solitario e teimoso ao qual, á força do isolamento chamavam "Corujão", se dispozesse á venda.

O capitão Vicente se exasperava com a obstinação do octogenario e no intimo architectava maneiras de pôr por bem ou por mal o velho dalli para o diabo! Com os seus botões, achava que semelhante estupor como seu vizinho e ainda por cima defeituando-lhe a recta da matta, era um verdadeiro entrave!

Todos os dias, quando o sol ia descambando para o occaso e as trevas começavam a derrear-se sobre os ultimos clarões, o capitão passava em frente do rancho do pobre velho para ver si elle havia resolvido alguma coisa. Perguntava-lhe maneirosamente o que elle pensava da proposta; si queria mais dinheiro ou si teimava em estragar-lhe os marcos da fazenda.

O "Corujão" coçava a orelha immunda com as unhas sujas e grandes e, com os olhinhos sumidos nas orbitas ossudas, num pisca pisca continuo, mastigava:

— I'nhor não; não vendo. Daqui só morto!

Por fim, o capitão se impacientou e "pisou nos callos"! Com as mandibulas batendo á semelhança do "queixada branca" furioso, foi por alli em fóra disposto a valer-se das suas forças de autoridade, já que o capêta do velho teimava em não se valer do seu dinheiro e da sua offerta.

No dia seguinte, por volta das dez horas da manhã, estava o "Corujão" chegando terra em volta de uns pés de feijões novos, quando ouviu martellar no canto da matta sombria. Pôz a mão em fórma de pala sobre os olhos e aguçou o ouvido.

— Diabo! Quem vem fazê barulo neste canto onde o démo perdeu as botas?!

E olhava, intrigado.

As pancadas, no emtanto, augmentavam, e mais e mais se approximavam da sua choça.

Dentro em pouco elle lobrigou quatro homens a curta distancia. Emquanto dois fincavam grossas estacas, dois estiravam com o auxilio de "pés de cabra" uns longos fios de arame farpado, atravessando a meio o seu pequeno terreno coberto de verdura.

Protestou. "Que aquillo lhe pertencia; que fôra ganho com o suor do rosto e uma trabalheira enorme; que ninguem tinha o direito de invadir assim, sem mais nem menos, a propriedade alheia!"

Os trabalhadores, porém, fieis ao cumprimento das ordens recebidas, iam, imperturbavelmente, estendendo a cerca, fechando o velhinho, seus quatro palmos de terra cultivada e a casinha tôsca de taipa e sapé, dentro da grande fazenda, como um abraço mortifero de terrivel tamanduá.

No dia immediato, o "Corujão" deixou a tôca e abalou-se para a Villa em busca de justiça. Quando lá chegou, as autoridades já estavam inteiradas, por intermedio do capitão Vicente, da "sua mania, da sua maluquice"! E elle, ao narrar a sua historia com a voz tremula de colera e de receio, descobria, nos olhares e nos gestos daquelles senhores da lei, a commiseração, a piedade, ao envez da providencia, da rectidão. Mostrou a sua velha escriptura amarellecida pelos annos. Ninguem a quiz vêr. "Pobre velhinho!" — diziam.

E ficou o dito por não dito e o pobre velho sem moradia, nem razão.

Quando voltou á miseravel cabana que lhe cobrira os ossos por quasi meio seculo, encontrou-a habitada por um caboclo grosso e forte como uma peroba altaneira perdida nos confins da selva, que o enxotou como a um cão leproso.

nos decepcionar. Já Monte Carlo me agrada. Ha sol sobre o ouro que alli se derrama e o Café de Paris parece-se com São Marcos. As fachadas brancas das casas, as ruas limpas, excitam a nossa alegria de viver. Pombos, em quantidade, cruzam o espaço, de vez em vez, ou pousam, tranquillamente, sobre as cornijas.

Na Grecia, o turista consulta Homero. Aqui Fantomas me dirige. Os peregrinos inscrevem seus prejuizos nos registros. Molham a ponta do lapis emquanto a bolinha da roleta volteia, volteia... Algumas fadas da boa e da má sorte circulam entre as mesas, misturando-se ao grupo de turistas inglezes que parecem não ter mudado de roupa desde os bons tempos da rainha Victoria. — JEAN COCTEAU.

Consolar — Quaes os que tem mais necessidade de ser consolados? Os mais lastimados, os que chamamos incuraveis, perdidos, loucos, transviados. E esses, tambem esses, encontram allivio, conforto, na bondade! Um pouco de verdadeira bondade produz no ser mais desgraçado a impressão de que não está de todo perdido, de que ainda pode salvar-se. Um vislumbre de melhor futuro, um anseio de libertação e de reparação conforta-lhe, então, a alma desamparada, que elle desejaria poder abrir-nos de todo para mostrar os thesouros occultos da vida generosa e nobre, mas infeliz e sem rumo, que temos a nosso lado. Tudo isso, todo esse milagre opera o olhar bondoso que nos sorri, derramando a sua luz sobre as sombras, sobre as trevas em que se debate, ás vezes, uma alma grande, um nobre coração, que pareciam para sempre perdidos. Uma flor, o canto de uma ave, uma musica que nos commova podem levar consolação ao coração mais abandonado.

Se soubessemos interpretar o que encerram essas coisas que, obscuramente, alliviam nossas pobres almas trabalhadas pelo cansaço ou pelo soffrimento. Criamos em todas ellas uma mensagem de invencivel esperança, e comprehenderiamos, tambem, que ninguem deve considerar-se para sempre perdido e chegariamos a ser, pelo nosso carinho, pelo nosso amor pelos que soffrem, collaboradores da immensa Bondade desconhecida que palpita e que vibra no fundo de todas as coisas. — C. WANER.

Nada dissera. "Aquillo não tinha culpa: era mandado."

Vagueou pela matta negra e solitaria, sem saber o que fizesse.

Por fim, depois de dar mil reviravoltas ao miolo gasto, encontrára a solução para o seu caso: "A justiça era só para os grandes! Os pequenos que morressem á fome ou se atirassem ao rio, procurando na morte o que não encontravam na vida! Mas não ficava assim! A sua terra seria vingada! Elle saberia justiçar por si proprio o acto desprezivel daquelle capitão de uma figa! Elle queria muita terra, pois sete palmos, apenas, iriam lhe chegar!"

E ficou por alli rondando a sua ex-casa, amargando a sua infinita dôr, a dôr de quem vê roubadas as coisas do coração.

Anoiteceu. Do fundo da matta vinham rumores de coisas que pareciam lamentos; os ventos, devassando-lhe as entranhas, rangiam os páos do leo e punham gemidos nos bicos das corujas.

O velho, então, muito de mansinho, se approximou do rancho: o novo morador se recolhêra, como se recolhem as gallinhas: ao pôr do sol. E, pé ante pé entrando pelos fundos da tapéra, se apoderou da foice de cabo curto que lhe servira, noutros tempos, nos tempos em que fôra moço e forte, para abrir roçados e cortar cannas maduras. E, acariciando com volupia o gume enferrujado e o cabo nodôso, novamente sahiu rumando á casa da fazenda, lá em baixo, á margem do rio e da estrada real.

O capitão Vicente tinha por habito, antes de recolher-se correr todos os cantos da casa de farinha, o deposito de mantimentos, a distillaria e o "girau" onde seccava café, para certificar-se, com os proprios olhos, si tudo estava como devia e si por alli não andavam os amigos do alheio.

O velho "Corujão" sabia disso. Conversando certa vez com um "empregado de confiança" da fazenda, este lhe contára o aborrecimento que lhe causava a desconfiança do patrão, que era, dizia, como São Thomé: vêr tres vezes para crêr!

Seriam pouco mais, pouco menos de oito horas da noite, quando o capitão Vicente entrou no alambique. As tres dornas de grandes dimensões estavam cheias de aguardente e de uma dellas o liquido escorria pela torneira meio aberta, cahindo no chão lodôso. Quando elle viu semelhante "relaxamento", soltou uma praga terrivel contra os seus feitores e baixou-se para fechar a torneira descuidadosamente aberta. Precisamente nesse momento, o velho "Corujão", que estava occulto por detraz da mesma dorna e que intelligentemente havia usado daquelle estratagema, deixou cahir sobre o pescoço de Zé Vicente a foice fatal, que, rangindo sinistramente sobre os ossos do usurario, o decapitou.

Emquanto a cabeça rolava banhada em sangue no chão negro daquelle deposito, onde o fartum do alcool pairava nos ares abafados, o velho abria a bocca murcha e desdentada numa gargalhada de prazer infernal, alisando carinhosamente a foice homicida com os dedos tremulos, sentindo o coração gasto a saltar dentro do peito como um cabrito endemoinhado.

Na manhã seguinte, os trabalhadores encontraram o amo degollado e ao lado deste, sentado ao solo, o "Corujão" idiotizado, a olhar-lhe com as pupillas baças, e as mãos ensanguentadas apoiando lugubremente as barbas brancas em desalinho...

Guilherme de Almeida — VOCE — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1931 — 5$

GUILHERME DE ALMEIDA é um poeta delicioso, mesmo explorando o *vocêsismo*. Valor authentico, real, Guilherme tem por vezes ousadias positivamente encantadoras. E' um artista que possúe a *sua maneira* de burilar a idéa, o verso, e que vae tendo imitadores pouco interessantes, destituidos de talento.

Você é um ramalhete de canções, para ser lido por creaturas de sensibilidade refinada, sob a luz coada dos *abat-jours*...

Romança sem rimas: amor
sem éco e, portanto, melhor...

Soluço abafado como esses
que só Deus escuta nas preces...

Surdina distante que póz
na sombra uma sombra de vóz...

Idéa que morre no berço,
sem nunca chegar a ser verso...

Palavra que o fumo do meu
cigarro escreveu no céu...

Conversa calada de estrellas
que, quanto mais longe, mais bellas...

Verdade, mas que nem siquer
os labios precisam dizer...

Silencio repleto de cousas,
como esse em que morrem as rosas...

Segredo que eu sei bem porque é
que nunca direi a você...

Assim como *Romança sem rimas* são as demais paginas do livro de Guilherme de Almeida, finamente illustradas pela sra. Anita Malfatti.

Arthur Leite — OASIS — Rio — 1931

PEQUENO folheto de 45 paginas, no qual o autor expõe os seus primeiros anseios poeticos.

Afranio Peixoto — OS MELHORES SERMÕES DE VIEIRA — Editora Americana — Rio 1931 — 6$

AFRANIO PEIXOTO tem uma phenomenal capacidade de trabalho, manifestada em todos os ramos da actividade mental. Este novo livro, de vulgarização da obra do Padre Vieira, revela, ainda uma vez, a grande cultura de Afranio.

As notas escriptas pelo illustre academico, precedendo cada sermão, vasadas no estylo precioso que lhe é familiar, são um modelo de synthese, altamente expressivas pela simplicidade e belleza.

O volume contém os sermões seguintes: da *Sexagesima*; *Pelo bom successo das armas de Portugal contra as da Hollanda*; da *Primeira Dominga do Advento*; de *Santo Antonio*; da *Degollação de São João Baptista* e da *Epiphania*.

Berto de Campos — PALAVRAS EM SURDINA — Imp. Victoria — Bahia 1931

AINDA recentemente tivemos occasião de elogiar o poeta, apreciando o seu formoso poema *Rosa-Morena*, e eil-o que nos apparece, novamente, com *Palavras em surdina*. Berto de Campos, neste novo livro, outra coisa não faz, senão confirmar o juizo que delle fizemos. E' um poeta amavel, e o seu verso possue uma penetrante harmonia, de raro encanto. Nota-se-lhe a influencia de Geraldy, na maneira de compôr, e dahi a suavidade dos pequeninos poemas de Berto de Campos.

Lá fóra está chovendo... Mas que importa
essa chuva que bate, incessante, na porta
e metrifica versos na vidraça?
Deixa que chova, Amor! A chuva é mansa,
a chuva é bôa como o teu amor!
Põe tuas mãos nas minhas mãos, criança!
Tens frio? Dá-me um beijo. E ao calor
desse beijo, verás que o teu corpo de gaze
ficará quente... muito quente... quasi
tão quente como um vulcão que ardesse no aposento!—

Amor! Lá fóra a chuva, sob o vento,
Ceclama versos de agua na vidraça...
Eu gosto tanto quando chove assim...
Não te importes com a chuva. Olha só para mim.

Porque a chuva, afinal, é mulher...
Ella passa!...

Lyrico, todo elle, de suavidade emotiva.

Falta-nos espaço, para a citação das melhores passagens do lindo poema *Palavras em surdina*.

Mas, não resistimos ao prazer de reproduzir as palavras do poeta, na *offerenda*, especie de symphonia de abertura...

Ouve as palavras que eu te digo mansamente,
as palavras de amor que eu declamo, em surdina,
somente para os teus ouvidos — e somente
para o teu coração de moça e de menina...

Escuta as minhas phrases, cálidas de amor,
Phrases que valem mais que os versos mais subtis...
Ouve-as. E fecha os olhos com langor...
Ouve-as — porque serás a mulher mais feliz...

Escuta a minha voz... Ella trem ee soluça...
Voz leve, como o corpo leve da Emoção...
Voz-alma, onde a minha alma, ansiosa, se debruça
para de perto namorar teu coração!...

Escuta a minha voz... Ella é feita de sêda...
Resonancia feliz de rythmos perdidos...
— silencio impressionante de alamêda
só para acariciar os teus cinco-sentidos...

Ouve estes versos tristes que eu te faço...
Versos do meu amor, quasi perfume, quasi...
Ouve-os. E sentirás, ardendo ao meu abraço,
o teu corpo levissimo de gaze...

Ouve as minhas palavras. Ouve-as. E talvez
tu comprehendas melhor os versos que te fiz...
Neste livro ha uma historia linda: Era uma vez,
a mulher mais bonita e o poeta mais feliz!...

Mario Poppe

O SALVADOR

BALDOMERO MENENDEZ era e não era um inimigo do bello sexo. Expliquemo-nos. Era inimigo, porque tinha a convicção de que as maiores calamidades que se passam com o homem provém sempre da mulher.

E, ao mesmo tempo, não era inimigo, porque comprehendia que o maior encanto que tem o mundo é precisamente a mulher.

Meúdas batalhas sustentava o bom Menéndez comsigo mesmo desde o dia em que a mariposa do amôr começou a voar-lhe deante dos olhos!

— Que fazer, meu Deus?... Devo casar-me, ou não?...

"A vida do lar é uma delicia" — havia lido diversas vezes.

Isso era a theoria.

— Não se case, homem! Feliz e bemaventurado o individuo que ainda não commetteu semelhante loucura!" — costumavam dizer-lhe alguns homens casados, seus amigos.

Era a voz da experiencia.

Baldomero pesava e repesava o prá e o contra do casamento.

— Si eu encontrasse uma mulherzinha modesta, trabalhadora, economica, sem outro pensamento sinão do carinho de seu maridinho e da felicidade de seu lar, não vacillaria nem um minuto. Com meu ordenado viveriamos tão ricamente e até poderiamos economizar alguns mil réis. Mas, quem adivinha as transformações que se podem realizar depois de um casamento? Ninguem, ninguem... Decididamente, não inclino a cerviz para que sobre ella me ponham uma canga.

Menéndez, já na categoria de solteirão, se divertia lindamente.

Seus logares de acção favoritos eram os *cabarets*. Alli se distrahia com as artistas, cantava o estribilho das canções, bebia, dançava, dava palmadas, grasnava chistes...

Como dizia uma cancionista:

— O senhor Menéndez é um louco lindo.

Mas era feliz, e, sobretudo, era livre.

Até que uma noite...

A existencia se nos complica quando menos o esperarmos.

Uma noite, se apresentava pela primeira vez, em certo *cabaret* dos que frequentava Menéndez, uma artista que acabava de se dar a conhecer noutra cidade.

Ao publico daqui, a joven não agradára, e quando terminou de cantar o primeiro tango, rebentou no local uma vaia quasi unanime.

A artista se poz a chorar, e Menéndez, subindo a sua cadeira, increpou os protestantes:

— Mal educados! Grosseiros! Isto não se faz com uma mulher indefensa! Mal educados!

Quando elle desceu da cadeira, um empregado da casa se approximou delle, e disse:

— A senhorita X... pede que tenha a bondade de chegar a seu camarim.

Uma onda de satisfação inundou o peito de Menéndez.

A artista fracassada assim fallou a seu desconhecido defensor:

— Cavalheiro... Perdôe o incom-

De F. Perez Cap

modo... Chamei-o para agradecer-lhe... O senhor foi a unica pessôa que me comprehendeu. Eu já sei que meu trabalho não tem nada de particular. Mas é que a necessidade me obriga. Emfim, cavalheiro, eu não quero aborrecêl-o contando-lhe calamidades.

E a joven, fixando seus olhos nos olhos de Menéndez, ajuntou, desconsoladamente:

— Que horror! Depois deste fracasso, que será de mamãe e de mim?

Baldomero, emocionado:

— E não apenas as duas: sua mamãe e você?

— E um gato Angorá.

— Pois fique tranquilla, senhorita. Emquanto eu viver, nada lhes faltará!

Menéndez andava complicadissimo. Que casa! A mãe e a filha gastavam de uma exorbitante maneira.

— E' horrivel o que aqui succede! — costumava exclamar o pobre e saqueado Baldomero. — Si até o gato come mais do que qualquer felino!

A situação do protector aggravou-se um dia de modo inesperado.

Resultou que a fracassada artista tinha dois irmãozinhos fóra, absolutamente desempregados, os quaes, quando comprehenderam que havia chegado seu momento, se apresentaram na capital.

Menéndez, tres mezes após aquelle abuso, comprehendeu que tambem havia chegado *seu momento*. Pediu seu passaporte, tirou uma passagem, e, sem dizer nada a ninguem, um bello dia, desappareceu, rumo da Europa.

— Ahi fica isso! — disse comsigo.

Ao embarcar, Baldom[illegible] protagonista de um [illegible] emocionante.

Ia na mesma lancha em que elle [illegible] viuva de certa idade, muito pouco bonita e com sete filhos.

Chegaram ao pé da escada do transatlantico. Subiram primeiramente os sete rebentos daquella senhora, e, no momento em que esta punha o pé na escada, escorregou e cahiu ao mar.

Baldomero, que nada admiravelmente, não vacillou nem um segundo, e se atirou á agua, para salval-a. E o conseguiu, felizmente, depois de não poucos esforços.

Já a bordo do transatlantico, e todos tranquillizados, a viuva disse a Menéndez, inteiramente commovida:

— Esta acção é das que ligam para toda a vida.

— Ora, minha senhora! Si a coisa não tem...

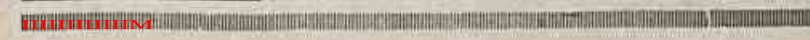
A viuva o interrompeu:

— Nem meus filhos nem eu nos separaremos mais do senhor. Eu, nunca!

— Acalme-se, senhora! Si a coisa não tem...

— Sempre a seu lado os oito! Sempre! E' o unico pagamento que lhe posso dar! Foi uma occasião meredissima! O senhor salvou-me a vida, cavalheiro!

Menéndez, quando tinta, balbuciou:

— Salvei-lhe a vida, sim, senhora... Mas não é para tanto!...

CA POTE (Piauhy) — Oh, o sr. é da terra do Berilo Neves? Então, meus parabens.

Escreve o sr:

"Yves, Você é muito occupado e o seu tempo preciosissimo, pois não é pouca cousa dar attenção a quantos lhe buscam.

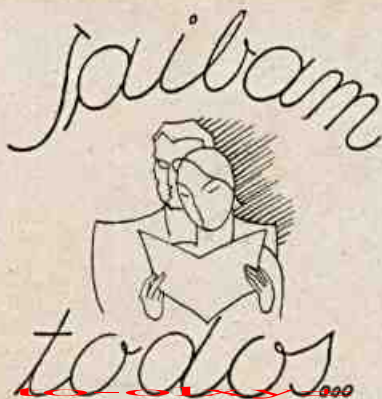
Como, porem, a culpa não é minha, e sim sua, porque o serviço que vem prestando a seus consulentes é de offerecimento expontaneo, rogo-lhe a sua bondosa bondade de relevar mais esta... cacetada, fazendo-me o estudo grafologico.

Para o bom entendedor meia palavra basta. Por isso creio que o que está escripto é sufficiente para o seu veredictum, que fico aguardando na secção competente do "Fon-Fon". Abraços do. — Ca Pote"

O sr. esqueceu o principal — afim de obter o seu exame grafologico. Sabe o que foi? Um vale postal de 20$000.

Não creio que, por esse *vale* tão *curto*, o sr. concluiu que o meu estudo não *vale* tanto... Ou que só *vale*... uma carona...

O que *vale* uma carona, *vale* — mediante um *vale*...

Valei-me, Christo Redemptor! Livrae-me dos caronas da grafologia!

MLLE. NOBEL (S. Paulo) — A sua collaboração virá na primeira opportunidade. Paciencia. Constato, com alegria, que v. ex., embora mulher, não é de todo ingrata. Na peor das hypotheses, v. ex. ainda agradece os obsequios que lhe fazem. Na generalidade, as literatas que apresento ao publico e pelas quaes me interesso são da categoria daquellas que fingem, na rua, não nos conhecer...

Registe-se, pois, o raro gesto de cortezia que v. ex. acaba de ter. — Amen!

V. DE CASTRO (Capital) — Muito bem, professor. Estou encantado com o seu soneto e a sua idéa. Não quero que as leitoras desta secção percam a opportunidade de admirar o insigne poeta que o sr. é.

Primeiro, a sua carta:

"Presado senhor Yves: Cordealidades. Incluso envio um soneto dedicado á illustre poetisa portugueza, D. Maria Affonso, a qual se acha em viagem de recreio pelos paizes baixos e, que ainda este anno, deverá chegar a esta Capital.

Aos versos que envio falta a perfeição do vosso talento, bem sei, mas elles representam mais uma homenagem do que mostras de musa.

Confessando-me, desde já, muito grato pela publicidade."

Em segundo logar, o soneto. Lá vem elle:

HOMENAGEM

(A Fidalga Maria Afonso)

Eu adoro a minha terra de belleza,
De flôres e de virtudes, onde é [*infinito*
O abraço amigo ao valente e ao [*proscripto,*
Onde o bem esplendece e a alegria [*canta.*

Patria do sol, onde echôa, ainda, [*o grito*

Do heroico Pombal! e que se le-[vanta,
E fecunda, e sobe, e tem grandeza [tanta,
Que de ser a maior Deus está [convicto.

— Fossemos vós, senhora, neste lar [bondoso,
Ser feliz e guardar na alma, com [anhelo,
A imagem do nosso culto fervoroso.

— Flor d'alem-mar, esplendescente [e gentil,
Que a lusa nação cultivou, com [desvelo,
E [illegible] em terras do Brasil!

[illegible] VULCÃO DE CASTRO

MARIA ROSA (S. Paulo) — Hum! A sua cartinha está perfumada e é extremamente gentil — possuindo ainda o grande merito de ser funebre como um cemiterio. Vejamos o que v. ex. me diz:

"Yves. Foi num momento de infinito desalento que eu li sua resposta a Samaritana. Repentinamente, tive o desejo de ouvir, alguem, de ler uma palavra sua. Eu amo, Yves, e posso ter a certeza desse amor. Tambem elle "se possuiu" de tal modo dentro de minha alma, que nenhuma duvida é possivel sobre a sua existencia". Tambem eu passei pelas "escolas preliminares" e meu amor constitue, agora, toda a razão de ser de minha vida. Mas, longe de ser uma Djénane, creada pela phantazia de Loti, eu não posso ser uma Véra, como quer o realismo de Mario Mariani. E não posso, Yves, porque, si ainda existem milhares de André Lhery, devem existir muito poucos Hugo D'Orméa. Yves, eu sei que não daria de beber num cantaro vazio e, no entanto... elle não quer beber! A "grande dôr de amar" não será, por acaso, a dôr de não ser amada? E essa dôr que, sem excluir a dignidade, nos faz feliz de soffrel-a, essa dôr, que sortilegio nos faz para que, soffrendo embora, desejemos amar ainda mais?

Yves amigo, diga-me uma palavra, uma só, que me seja dirigda, que me console e que me alente.

Muito sua e infinitamente grata, Maria Rosa"

Ora, v. x. fala em consolar... Mas, o diabo é que não sou bico de mamadeira, nem victrola, nem, nem cadeira de balanço, e muito menos actor comico ou palhaço de circo...

De modo que, si v. ex. está incendiada de paixão, e suppõe que, no caso do abandono que soffre, posso servir-lhe de consolador... á distancia, com a efficiencia de um radio, por exemplo, labóra num grande erro; é, o mais aconselhavel, creio eu, é dirigir-se a uma pharmacia (para o bico de mamadeira) ou a uma casa de musicas (para as victrolas e o radio...)

ADELINO MAIA (E. do Rio) — Arre! Estavam escasseando os taes poetas que considero excellentes para tiradas humoristicas. O oxygenio desta pagina são os poetastros. Sem elles, ella se torna insipida, cacête, sem graça.

Até que emfim appareceu o sr. Adelino Maia.

Não quero retardar o prazer que o sr. vae causar as leitoras bonitas do "Saibam todos..."

Aqui vae a sua missiva.

"Meu caro Yves: Saudações. Ha, seguramente, um mês que ousei enviar-lhe uma cartinha e, junto á mesma, um dos tais xaroposos sonetes; pois bem, até o numero de sabado ultimo, "Fon-Fon" não trouxe resposta alguma. Ouzo crêr que minha cartinha se extraviasse, a não ser que tivesse por resposta o silencio... não creio; nunca fiz mál a Yves. Ser *poeta xaroposo* não é ausencia de virtude, e sim, um mal inato á todos os brasileiros.

Incluso as á esta vão dois sonetinhos, si merecerem publicidade muito bem; caso contrario... que remedio? — *Adelino Maia*

Vejamos agora o soneto:

ENFÊRMO

..— *Não! não dêm, a essa mulher,* [*qualquer guarida*
Nesta alcôva onde me encontro [*assim enfêrmo!*
Não devem aumentar esta ferida
Que me obriga a viver assim tão [*êrmo!*

(Continúa na pagina seguinte)

E' bom que ella fique bem sentida
De no leito me vêr, quasi estafermo:
Sem ao menos lhe dar signal de [vida,
Ou como quem da vida espera o [termo!

Quando, pois, de mim ficar sau- [dosa,
Dos beijos, dos abraços que, ra- [diosa
De prazer, recebi-os com ternura

Hade chorar a sua iniquidade:
Fazer-me presa duma vil maldade,
E a soffrer horrifica tortura

Nitéroi, 10-31. *Adelino Maia.*

Sabe, poeta? Encontrei, ha dias, a sua déa, e ella me falou deste modo:

— O Maia? E' um boca, "seu" Yves. No seu soneto *Enfermo* elle diz que não me permittam entrar na sua alcova, porque isto e mais aquillo.

— Prudencia... — arrisquei. — Medo de uma mulher bonita, deante dos seus nervos abalados...

— Qual, "seu" Yves, um poeta d'agua doce de tal ordem, deve morrer... para as letras. Pensa elle que si se désse tal desenlace eu iria chorar saudosa? Bobo! Iria a um baile, de contente que ficaria por não ser mais caceteada por semelhante "quasi estafermo", como diz elle.

E a pequena — graciosa por

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

signal — acabou por me dirigir este pedido:

— "Seu" Yves, mande esse poetastro para a cesta por favor!

ANTONIO PATTO (S. Paulo) — O sr. me envia um soneto de pé quebrado, sobre o qual pede a minha opinião.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2 - 4136

FON - FON — 14 - 11 - 931.

Data da consulta ....
Nome da consulta ....
....

Na sua carta o sr. me chama "collega" duas ou tres vezes.

Esse facto me faz lembrar uma anecdota interessante, relativamente a um outro episodio occorrido entre o poeta Alberto de Oliveira e um cavalheiro dado ás musas.

Encontrando o autor de "A Vingança da porta" o "literato" desandou a tratal-o por "collega". Era "collega" para aqui, "collega" para alli...

As paginas tantas, Alberto de Oliveira, que alem de grande poeta, é tambem pharmaceutico, perguntou ao cavalheiro palrador:

— Mas diga-me cá: o senhor é pharmaceutico?

Pois meu caro Patto, pergunto-lhe eu: o senhor é funcionario publico?

Sim. Porque, além de redactor do *Fon-Fon*, tambem sou funccionario publico...

Yves

ESTOUVADA! Desobediente! Vou internar-te no Collegio Sion! Vaes passar lá um anno; só virás em casa nas férias! Precisas ser castigada, Cla-

UMA PEQUENA ESTOUVADA

rice. Por causa de tua imprudencia, um homem está soffrendo numa casa de saúde.

— Papae, pelo amor que o senhor tem a Deus, não me interne num collegio! Habituada a ir sempre aos bailes e ás reuniões dançantes em casa de minhas amiguinhas, morrerei de tristeza si ficar um anno trancada no Sion! O mano é o culpado do que aconteceu, porque me ensinou a guiar automovel. Não queria aprender, mas Carlos tanto insistiu, que acabei convencida de que é chique uma "jeune fille" dirigir uma "baratinha".

— Culpas tu irmão, insensata?! E's a unica culpada, porque, sem seu consentimento, passeaste sozinha em sua "baratinha" e a conduziste tão bem que atropelaste um homem! Sabes perfeitamente que não tens ainda idade nem pratica para guiar um automovel! Vae para teu quarto. Mandarei a empregada levar-te o jantar lá.

Clarice trancou-se no seu pequenino quarto, deitou-se num divan e poz-se a chorar convulsivamente. O rapaz que, poucas horas antes, tombára ferido pela "baratinha" que ella estouvadamente guiára, não lhe sahia da lembrança. Mas o que mais a fazia soffrer era a resolução do pae; não se resignaria a ficar um anno inteiro internada num collegio.

Horas depois, quando a empregada foi levar-lhe o jantar, Clarice ainda estava chorando. Não quiz comer nada, mandou a creada retirar-se, sentou-se no divan, enxugou os olhos e quedou-se procurando um meio de se livrar do internato. Após alguns minutos de reflexão, deliberou que, ao dia seguinte, iria, escondida do pae, á casa de saúde visitar o ferido e rogar-lhe que escrevesse uma carta ao progenitor, pedindo-lhe que a não internasse no Sion. Serenou-se e foi mirar-se no espelho da penteadeira. Chorara tanto, que os bellos olhos estavam vermelhos e o nariz e as palpebras horrivelmente inchados. Muito vaidosa, aborreceu-se por ver o seu bonito rostinho tão transtornado pelo pranto, tristemente, afastou-se do espelho. Amarrou uma fita nos seus crespos e louros cabellos, despiu-se, vestiu uma rica camisa de noite de séda azul claro e deitou-se.

Quando se levantou, ao dia seguinte, já Carlos e o sr. Plinio Veiga, seu pae, tinham sahido para o trabalho.

Clarice bebeu o café que a empregada lhe levou, vestiu o mais bello vestido que possuia, enfeitou-se bastante e foi, com a governante, visitar o doente. Encontrou-o em bôas condições; o atropelamento causára-lhe sómente uma fractura no braço esquerdo e poucas escoriações, sem importancia, pelo corpo. O ferido, um rico e bonito advogado, tratou amavelmente a joven e linda visitante e, quando Clarice se despediu, disse-lhe que, assim que sahisse da casa de saúde, iria á sua residencia pedir ao seu pae que não internasse num collegio.

A mocinha ficou apaixonada pelo insinuante rapaz e, na noite desse dia, pensando nas amaveis palavras que elle lhe dirigira e antegozando a sua promettida visita, quasi não dormiu. E, á manhã seguinte, sob pretexto de saber da saúde do enfermo, telephonou-lhe. A governante, vendo-a risonha a conversar animadamente com o ferido pelo telephone, disse á copeira:

— Acho que, muito breve, d. Clarice estará casada. O enxoval de alumna do Collegio Sion, que o patrão foi comprar-lhe hoje, vae ficar perdido: a pequena precisa é de um de noiva.

Quinze dias depois, o advogado, já completamente restabelecido, foi á casa do sr. Plinio Veiga pedir-lhe a filha em casamento. E, tres mezes mais tarde, a irrequieta e estouvadinha Clarice casou-se com o encantador rapaz que a sua imprudencia lhe fizera conhecer.

BEATRIZ COSTA AMARAL

AS MULHERES NA ACADEMIA FRANCEZA

As primeiras mulheres literatas que se candidataram á "immortalidade", consagrada pela Academia Franceza, trabalhando, para isso, empenhadamente, foram G. Saud e Marceline Desbordes-Valmore. Mas, os academicos de então (1850) mostraram-se intrataveis e não quizeram permittir a entrada das referidas candidatas que, realmente, contavam com bastantes votos a favor.

E, ainda hoje, oitenta annos depois, a velha Academia continúa, pouco galantemente, de portas cerradas para as mulheres...

A VINGANÇA DE MAURIAC

Gustavo Bofa havia criticado dura e impiedosamente o livro de François Mauriac, *O rio do fogo*, dizendo que não se tratava de um rio, mas de uma chuva meúda e fastidiosa.

Mauriac vingou-se na primeira opportunidade, enviando ao critico seu novo livro *Genitrix*, com a seguinte dedicatória:

A Gustavo Bofa, para que o leia debaixo de um guarda-chuva.

SOBRE O BEIJO

Nada, em amôr, é mais vulgar que o beijo, porém nenhum outro signal de amôr póde ter tanta variedade de applicações e de significados. — Roberto Braco.

A "DOENÇA DO EXAME"

Um medico inglez acaba de fazer original estudo, observando 200 alumnos internos de um collegio de Londres durante os dois mezes anteriores á epoca dos exames. Tomando o peso dos meninos como symptoma revelador da alteração do organismo, o referido medico verificou que todos os alumnos que se preparavam para prestar exames diminuiam de peso, perdendo alguns até seis kilos.

Ao contrario, já o peso dos alumnos das classes inferiores, isentos de exames, se mantinham inalteravel.

Então, deante disso, o clinico britannico chegou á conclusão de que existe uma "enfermidade do exame" e que é necessario, durante o periodo perigoso, duplicar os cuidados com os meninos. E acaba aconselhando que seria muito melhor supprimir essa prova final, que, longe de dar uma idéa da capacidade do alumno, annulla suas melhores faculdades.

Que lindas carinhas!...

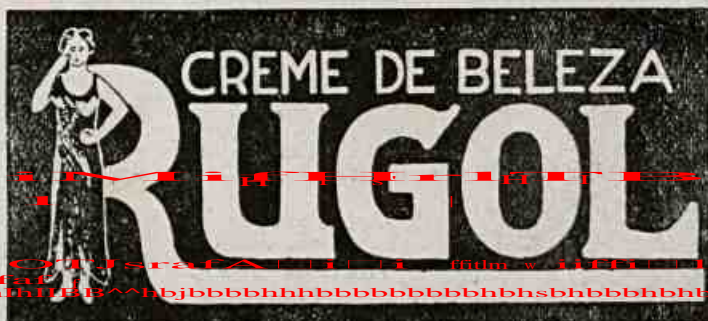
(*Estrellas: E. Barrado, Imperio Argentina e Rosita Diez*).

O segredo para possuir uma cutis lisa, uniforme e attractiva, revelado por uma doutora de belleza.

Eis o conselho da Doutora Leguy, para as mulheres que desejam manter a belleza do rosto.

1.º) — Á noite faça uma massagem branda com o creme Rugol para remover a terra, o sujo, as secreções e o suor que se accumulam durante o dia, esfregando depois com uma toalha secca para limpar bem.

2.º) — Ao levantar-se pela manhã lave o rosto com agua quente e termine enxaguando-o com agua fria. Depois passe o creme Rugol tirando o excesso com uma toalha e applique o pó de arroz. O collo tambem deve ser cuidado do mesmo modo. Não se esqueça.

Nota — *Este tratamento deve constituir um habito diario, incessante e não de semanas apenas. No culto á belleza, reside a força da mulher.*

Notas de Arte

OLGA PRAGUER. — No Theatro Casino, na tarde do penultimo sabbado, 31 de outubro, interpretou ao violão, perante uma casa cheia, *folklore* do Brasil, Equador, Perú, Cuba, Mexico e Espanha, a senhorita Olga Praguer, uma das primeiras senão a primeira artista brasileira no genero. Foram ouvidos, quase todos com musica arranjada para violão, pela interprete, os seguintes numeros: I) *Cantação*, toada, musica e versos de Mozart Bicalho; *Zingara*, canção de Joubert de Carvalho e versos de Olegario Mariano (v.); *Canção triste*, modinha, m. de Olga Praguer e v. de Gaspar Coelho; *Minha Casa*, m. e v. de José Janine; *Tra-la-ra-la-ri*, c. de Jubert de Carvalho e v. de Adhelmar Tavares; *Acalanto*, c. de Hekel Tavares, e v. de Joracy Camargo; II) *Estrellita*, canção mexicana; *El manisero* (O vendedor de amendoim), pregão de rua cubano; *El baile de mi sombrero*, e *De aquel cerro verde*, cantos indigenas, este do Perú e aquelle do Equador; *Granadinas*, canto popular espanhol; *Juana, Juana Juana*, canto popular mexicano; III) *Miragem*, canção de Marcello Tupinambá; *Murucututú*, cantiga de embalar, m. de Olga Praguer e v. de Gaspar Coelho; *Bahia*, canção de Hekel Tavares e v. de Alvaro Moreira; *Meu coração*, de Lorenzo Fernandez; *Amor y Perfidia*, canção espanhola de Villa Lobos; *Uma canção*, de Nepomuceno.

A impressão que nos deixou a senhorita Olga Praguer, já como violonista, já como cantora, já como compositora, não foi só a da sua extraordinaria mestria no genero folklorista, mas ainda a de que a sua voz e a sua arte estão requerendo se consagre a interpretações mais elevadas que a das composições de musica regional. Quem sabe emocionar como a senhorita Praguer emocionou, cantando com invulgar expressão *Tra-la-ra-la-ri*, *Acalanto*, *Granadinas*, *Amor y Perfidia*; quem mostrou em todo o recital estudos reaes da arte do canto, não se deve cingir a interpretar a musa popular mais ou menos barbara, mas ir além. Para a sua voz e para a sua arte, não basta o violão nem o folklore. E' preciso a musica e a poesia inspiradas na vida social dos civilizados. Que enverede por esse caminho, o que só depende de mais alguns esforços, e verá que não nos enganamos prevendo-lhe novos e bellos triumphos. Póde ser amanhã uma das nossas mais applaudidas cantoras de música de camera.

E' excusado dizer que a gentilissima recitatista foi incesantemente ovacionada e teve de bisar dois ou tres números.

RHODOPI AUGUSTA. — No penultimo mercuridia, 4.a-f., 4 de novembro, abriu-se o Trianon para o vesperal de poesia da sra. Rhodopi Augusta. E' a recitante essencialmente *dictriz*; não declama e muito menos representa a poesia. Dil-o simplesmente. E' esse processo perfeitamente acceitavel, de accôrdo com o temperamento de cada interprete. Entretanto parece-nos que, limitando-se apenas o *dizer*, nem por isso deve a recitante deixar de imprimir certo relevo á dicção. Foi esse relevo que nos pareceu ter faltado á maioria das interpretações da sra. Rhodopi Augusta. Talvez a emoção da estréa contribuisse para esse resultado.

Porque nos numeros finaes foi atenuada, senão eliminada a falta. Assim é que a recitalista soube impressionar dizendo com arte communicativa, entre outras as poesias: *Libertação*, de Julio Cesar da Silva, *Buena Dicha* de Rodrigues de Abreu e *Ao embalo do berço*, de Cleomenes de Campos.

E' preciso assignalar que a sra. Rhodopi Augusta tem bella presença e bella voz, avelludada e quente. De sorte que com mais algum esforço, praticando mais a arte, não é de admirar venha figurar breve entre as nossas melhores recitantes.

ANNA CANDIDA DE MORAES GOMIDE. — Foi ha seis annos, em a noite de 9 de junho de 1926, no I. N. M. que ouvimos pela primeira vez a senhorita Anna Candida de Moraes Gomide, quando contava apenas 13 annos de idade e era discipula do prof. Rossini de Freitas. Registando a nossa impressão, escrevemos: *Esperamos venha a ser, um dia, uma das nossas pianistas mais admiradas e applaudidas*. Mais tarde, em 6 de setembro de 1930, reouvimol-a como alumna da prof. Lucia Branco e escrevemos, referindo-nos a recitalista de hoje: "*A segunda (senhorita A. G.) deu-nos a impressão de pianista completa, que apenas precisa de praticar continuamente a arte para ser grande.*"

E' justamente a phase em que, depois de um anno, está a senhorita Anna Gomide, apenas ainda mais accentuados os seus dotes estheticos e os seus recursos technicos, o que significa estar se aproximando da meta final que annunciamos. E' a impressão que tivemos, ouvindo-a em a noite de 7 de novembro, no I. N. M., após o concurso em que obteve 1.º premio, medalha de ouro, e num recital onde além dos *extra* — *L'oiseau prophete*, de Schumann, *Caixinha de musica*, de Lorenzo Fernandez e *Jeux*, de Turina — tocou: Haendel — *Chaconne*, com variações; Bach-Tausig — *Toccata e Fuga* em ré menor; Chopin — *Sonata*, op. 58; J. Turina — *A' la mémoire d'un bebé*; Agostino Cantu — *Kermesse*; Lorenzo Fernandez — *A boneca sonhadora* e *Estudo*; Albeniz — *Evocação*; Kreisler-Rachmaninoff — *Lieb es freud*.

Sem entrar em minucias technicas, para o que nos falta autoridade, o que nos agrada na senhorita Anna Gomide é o temperamento artistico, o poder emocional. De tudo que executou parece que sob tal aspecto só se póde fazer alguma restricção é relativamente na *Largo* da *Sonata* de Chopin, que não nos impressionou como costumamos ser impressionado por outros interpretes. Mas em compensação sentimos especial emoção ante a que nos pareceu invulgar, talvez excepcional, interpretação da *Chaconne*. Tocou-nos muito particularmente ainda o primor das execuções da *Kermesse*, da *Caixinha de musica* e de *Jeux*. Não ha duvida de que o Brasil conta mais uma artista de valor, que, dando mais expansão e cultura ao talento, figurará amanhã entre as nossas grandes pianistas. O publico reconheceu-o, tratando-a desde já como costuma tratar as celebridades: Chamou-a varias vezes ao palco e pediu *extras* que a joven virtuose satisfez num crescendo de perfeição que a todos enthusiasmou.

O prof. Rossini de Freitas, que iniciou, e a prof. Lucia Branco, que concluiu o ensino da victoriosa pianista, devem sentir-se orgulhosos da meta já attingida pela sua invulgar discipula. A recitalista justificou plenamente o 1.º premio e a medalha de ouro que ainda este anno lhe conferiu o I. N. M.

OSCAR D'ALVA

ANNO XXV FON-FON NUMERO 46

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 14 de Novembro de 1931

O conselho da experiencia

Minha pobre amiga. — Agradeço-lhe, sensibilizada e triste, a participação de seu noivado e, mais ainda, a honra, que me faz, pedindo-me um conselho, e a prova de confiança que me dá, dizendo-me alguns segredos dolorosos da sua inquieta vida de mulher. O destino quiz que você ficasse noiva de um homem a quem não ama, e que o seu proprio instincto repelle, embora o seu espirito admire. E você confessa, minha pobre amiga, — você confessa a esta sua desolada collega que teve pena desse homem apaixonado e que, dentro de dois mezes, será irremediavelmente seu esposo. Irremediavelmente, não, minha pobre amiga! Você ainda não casou. Ainda é a mesma creaturinha formosa e feliz que só deve obediencia a seus paes e á sua consciencia pura como os seus olhos azues. Ainda não fez a Deus e á sociedade o juramento irreparavel que inutiliza, para sempre, a integridade moral da mulher. Ainda móra sozinha, no seu quarto de virgem, e só conhece, da vida, as illusões que velam, piedosamente, todas as grandes e amargas realidades humanas. Ainda tem a doce ventura da inexperiencia... Esse homem a quem você prometteu unir o seu destino, e a quem nega intimamente o seu lindo e sensivel coração, está illudido com o disfarce da sua feminina piedade. Elle pensa que você tambem o ama, e pensa que vae ser feliz depois do casamento. Pobre illusão, que apenas durará o tempo ephemero do noivado! Dois mezes... Sessenta dias de mentira e de esperança... Você não tem o direito de sacrificar-se, destruindo, conscientemente, a possibilidade de ser venturosa algum dia. E não póde, e não deve, tambem, arrastar, no seu sacrificio, as esperanças de um homem. Ser noiva não é assumir a responsabilidade das proprias desgraças e das desgraças alheias. Não é enganar, por compaixão, fingindo que quer. Não é sorrir a uma tristeza fantasiada de alegria. Não é dizer sim com os labios, quando o coração sussurra, dolorosamente, não... Ser noiva é amar sinceramente, é sorrir com prazer, é chorar de alegria... Ser noiva é sentir o coração inundado de felicidade e de amôr. E' esperar, deliciosamente, o que deseja, embora o destino mande outra coisa: mande, por exemplo, o arrependimento e o infortunio. Ah! sim, domina a verdade cruel do tinha de ser... Mas não é esse o seu caso. Você ficou noiva sem querer bem. Ficou noiva porque teve pena... De maneira que vae ser infeliz porque quer. Vae ser infeliz porque suppõe que fará ditoso a um homem. Que ingenuidade, minha pobre amiga! Que desastrada ingenuidade! Ambos serão infelizes: você, porque não gosta delle, e elle porque, enganado, só possuirá o seu corpo, o que é uma felicidade muito material e muito relativa... E quando as almas não se casam primeiro do que os corpos, como naquelle conselho em verso de Belmiro Braga, a desdita conjugal não poderá ser evitada. Você é bonita, intelligente e cheia de virtudes. Tem uma sensibilidade de crystal, que se quebrará ao sopro de qualquer infortunio. Tem um coração que procura o amôr e vive ainda tacteando na sombra da inquietude sentimental. Inquietude de mulher bonita e moça. O maior perigo para quem, como você, tem apenas a defesa precaria da compaixão... Não se case com o seu noivo actual, minha pobre amiga! Não esmague dois destinos com a mesma desventura. Faça-o soffrer uma só vez, abandonando-o como noiva, mas não lhe amargue a vida inteira, enganando-o como esposa. Talvez assim você consiga ser feliz... E' esse o conselho que lhe dou. O conselho da experiencia... — Carmen.

MARTINS CAPISTRANO

A MULHER CHIC

Creação Jean Patou. (Photo especial para FON-FON).

MANTEAU DE VELOURS VERT GARNI DE VISON.

MANTEAU DE VELOURS VERT ÉMERAUDE GARNI DE RENARD ARGENTÉ.

Creação de Jean Patou. (*Photo especial para* FOX-FOX).

SONHO DE MASTRO

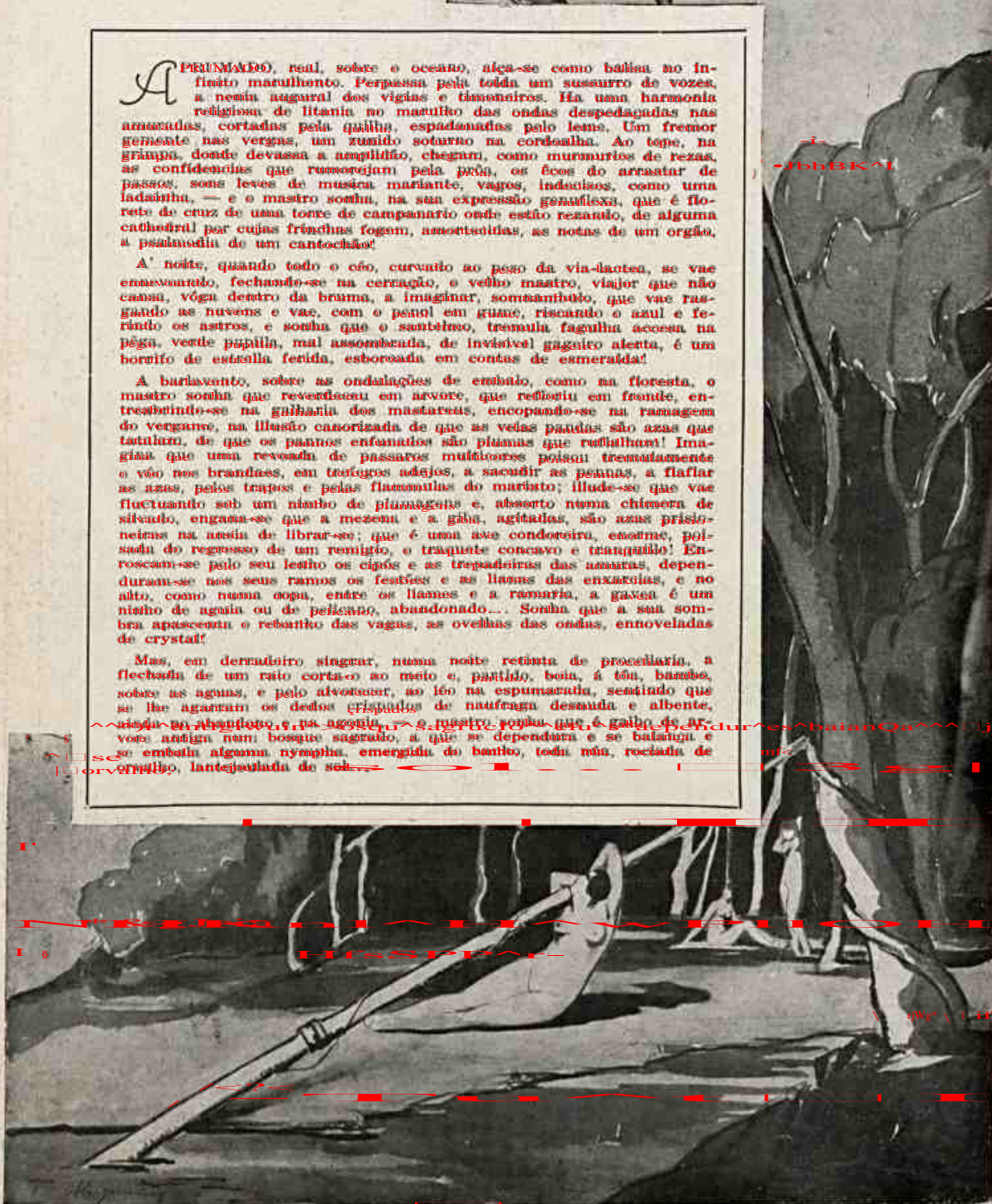
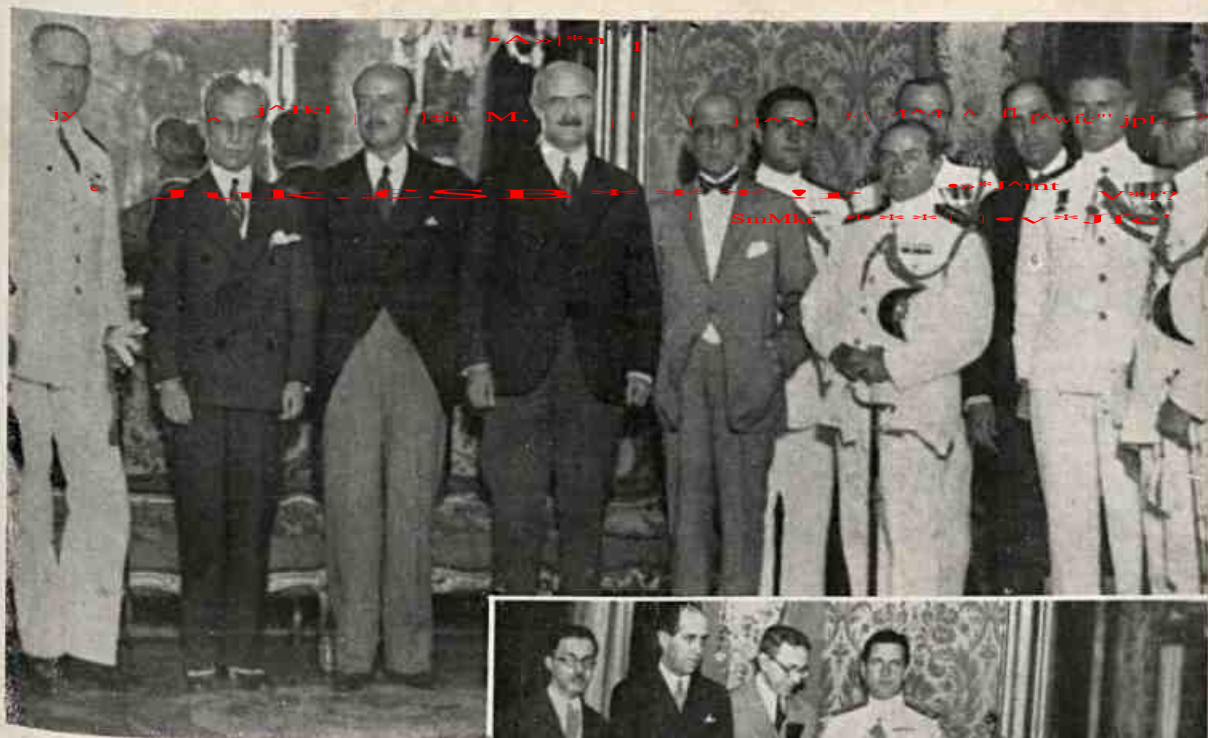
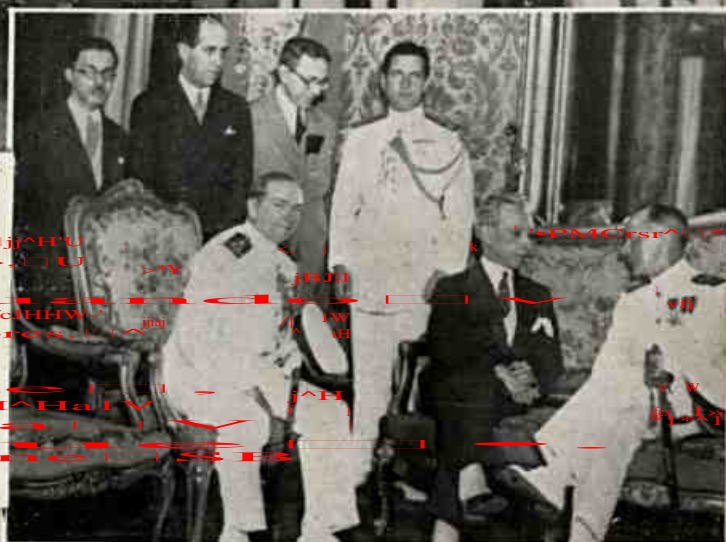
EDVARD CARMILO

(INEDITO DO LIVRO «HUMILDADE»)

APRUMADO, real, sobre o oceano, alça-se como balisa no infinito marulhento. Perpassa pela tolda um sussurro de vozes, a nenia augural dos vigias e timoneiros. Ha uma harmonia religiosa de litania no marulho das ondas despedaçadas nas amuradas, cortadas pela quilha, espadanadas pelo leme. Um fremor gemente nas vergas, um zunido soturno na cordoalha. Ao tope, na grimpa, donde devassa a amplidão, chegam, como murmurios de rezas, as confidencias que rumorejam pela prôa, os êcos do arrastar de passos, sons leves de musica mariante, vagos, indecisos, como uma ladainha, — e o mastro sonha, na sua expressão genuflexa, que é florete de cruz de uma torre de campanario onde estão rezando, de alguma cathedral por cujas frinchas fogem, amortecidas, as notas de um orgão, a psalmodia de um cantochão!

A' noite, quando todo o céo, curvado ao peso da via-lactea, se vae ennevoando, fechando-se na cerração, o velho mastro, viajor que não cansa, vóga dentro da bruma, a imaginar, somnambulo, que vae rasgando as nuvens e vae, com o penol em grume, riscando o azul e ferindo os astros, e sonha que o santelmo, tremula fagulha accesa na pêga, verde pupilla, mal assombrada, de invisível gageiro alerta, é um borrifo de estrella ferida, esboroada em contas de esmeralda!

A barlavento, sobre as ondulações de embalo, como na floresta, o mastro sonha que reverdeceu em arvore, que refloriu em fronde, entreabrindo-se na galharia dos mastareus, encopando-se na ramagem do vergame, na illusão canorizada de que as velas pandas são azas que tatalam, de que os pannos enfunados são plumas que ruflalham! Imagina que uma revoada de passaros multicores poisou tremulamente o vôo nos brandaes, em trefegos adejos, a sacudir as pennas, a flaflar as azas, pelos trapos e pelas flammulas do mariato; illude-se que vae fluctuando sob um nimbo de plumagens e, absorto numa chimera de silvado, engana-se que a mezena e a giba, agitadas, são azas prisioneiras na ansia de librar-se; que é uma ave condoreira, enorme, poisada do regresso de um remigio, o traquete concavo e tranquillo! Enroscam-se pelo seu lenho os cipós e as trepadeiras das amuras, dependuram-se nos seus ramos os festões e as lianas das enxarcias, e no alto, como numa copa, entre os liames e a ramaria, a gavea é um ninho de aguia ou de pelicano, abandonado... Sonha que a sua sombra apascenta o rebanho das vagas, as ovelhas das ondas, ennoveladas de crystal!

Mas, em derradeiro singrar, numa noite retinta de procellaria, a flechada de um raio corta-o ao meio e, partido, boia, á tôa, bambo, sobre as aguas, e pelo alvorecer, ao léo na espumarada, sentindo que se lhe agarram os dedos crispados de naufraga desnuda e albente, ainda no abandono e na agonia, — o mastro sonha que é galho de arvore antiga num bosque sagrado, a que se dependura e se balança e se embala alguma nympha, emergida do banho, toda núa, rociada de orvalho, lantejoulada de sol...

Acabam de visitar a nossa capital, tendo permanecido alguns dias ancorados na Guanabára, o cruzador inglez «Durban» e o navio-escola francez «Jeanne d'Arc», cujos commandantes e officialidades apparecem no alto desta pagina, quando foram ao Itamaraty levar cumprimentos ao sr. ministro das Relações Exteriores. A photographia de baixo é um grupo das pessôas que tomaram parte no jantar offerecido, na séde da embaixada de França, pelo encarregado de negocios desse paiz, em honra dos officiaes da marinha de Guerra Franceza que viajam a bordo do «Jeanne d'Arc».

SAUDADES dos tempos idos... Agora elle perambula pelas praias, ar macambuzio, sem a companhia amavel daquella silhueta fidalga, fina, transparente na pallidez angelica, cujo desapparecimento coincidiu justamente com a queda da velha republica. Ella adivinhou que essa historia de *subsidio* não voltava tão cêdo e que elle podia rezar pela alma da deputação...

As mulheres têm o instincto das coisas que os homens só a custo comprehendem, e por isso são felizes sempre que querem. Presentindo os dias máos do nosso heróe, ella resolveu completar a desdita delle, sem maiores explicações.

Um telephonema singélo, algumas palavras de consolo, e adeus para sempre...

O resultado ahi está: o homem entregou-se aos longos passeios a pé pelas praias da cidade, e si duvidarem, acabará falando sózinho...

Saudade dos tempos felizes que passaram e não voltam mais!...

NO ambiente trepidante de alegria, no dia da inauguração de uma elegante casa de chá, *madame* encontrou a tristeza que a vae consumindo, sem forças para reagir e voltar aos habitos antigos, mundanos, de intensa vibração. Como é paradoxal a vida! Ella, quando penetrou na casa de chá, podia suppôr tudo, tudo, menos que fosse encontrar o encanto, a alegria da sua vida, ali, sentado, em uma pequena mesa, com outra creatura ao lado.

Mas, ao tempo em que *madame* sentia o coração ferido pela punhalada do seu máo destino, elle não se mostrou surprezo, nem siquer contrariado com a sua apparição ali. Olhou, cumprimentou-a até com um grave menear de cabeça, um leve sorriso, continuando serenamente sentado, levando de espaço a espaço a chicara de porcelana aos labios, saboreando lentamente as *torradas*, attento ao que dizia a companheira de mesa.

Madame pagou a despeza sem consumir o que pedira ao *garçon*, e partiu sem olhar para o infame, o miseravel ladrão da sua alegria.

Si tivesse adivinhado, teria fugido ao encontro, para manter a illusão da sua felicidade, estamos certos. Mas, o destino de *madame* estava traçado e ella havia de cumpril-o, chorando, lastimando-se, deante da certeza de que entregára o seu coração a um cynico...

NÃO ha vida melhor... Ella é linda, dona de uns olhos que são verdadeiros abysmos negros.

E, como todo abysmo atrae, quem delle se aproxima está perdido.

Foi naturalmente o que aconteceu ao rapaz de pelle bronzeada pelo sol da praia de Copacabana. Aproximou-se dos olhos negros, soffreu a influencia delles e perdeu-se.

Porque, positivamente, o rapaz está maluco, doido, perdido.

Só assim explicamos o que temos visto...

O *bungalow* terreo, cercado de flores, onde *ella* vive, é visitado diariamente pelo rapaz.

Quando o dono da casa sae, elle entra; quando elle se retira, o dono chega. E' preciso muita coragem ou estar louco para a pratica diaria de semelhante *sport*.

O *azar* póde um dia transtornar os planos do rapaz e da linda creatura de olhos negros, abysmaes.

O dono da casa póde um dia chegar inesperadamente, e era uma vez a linda aventura do rapaz de pelle bronzeada e pastinhas envernizadas á custa de brilhantina.

A prudencia está indicando que o abuso das visitas deve cessar.

Depois o rapaz deve respeitar as caras... dos vizinhos, que andam de pessimo humor, prevendo a massada das complicações de um escandalo policial.

Existem tantos recantos pitorescos na cidade, para a expansão plena dos anseios dos casaes felizes...

Por que teimar no *sport* perigoso?...

«FON-FON» EM BIARRITZ

A gentil senhorita brasileira Yeda Telles de Menezes na elegante praia de Biarritz.

Mauricinho, o interessante filhinho do casal Carneiro da Luz, no dia em que completou o seu setimo anniversario, offereceu uma linda festa aos seus pequenos amiguinhos.

A cidade já estava perdendo o habito de vêr, de quando em quando, as suas ruas floridas de sorrisos galantes, — figurinhas gentis e caridosas — cujas mãos nos offerecem uma flôr, em troca de um obulo, para os que choram e gemem. Sabbado, porém, ella readquiriu essa feição que, vez por outra, se lhe notava: flôres de graça offerecendo a graça de outras flôres aos que desejavam concorrer para minorar a dôr dos infelizes. Foi o «Dia da Margarida», em beneficio de varias associações de caridade. Essa collecta, que foi fructuosa, teve á sua frente nomes prestigiosos, como o de madame Getulio Vargas e os das senhoras e senhoritas que figuram nesta pagina.

ROCHA FERREIRA é um nome brilhante das letras paulistas contemporaneas, com irradiação pelo Brasil inteiro, que conhece e admira a inquietação da sua sensibilidade de artista: Escriptor e poeta, é um victorioso na prosa e no verso, e o seu prestigio literario transpoz mesmo as fronteiras do seu paiz, para levar á Argentina e ao Chile, a Portugal e á Hespanha os meritos de uma obra que a nossa critica já consagrou, e onde se contam, entre outros, os seguintes livros: "Sangue Azul", "Fundo de Espelho", "Morrer na Vespera" e "O Peccado Original."

Rocha Ferreira escreveu especialmente para FON-FON o bello soneto "A suprema renuncia", que publicamos nesta pagina, a qual traduz uma dupla homenagem ao poeta e sua esposa, a distincta declamadora Rhodopi Augusta, tambem artista e da mais fidalga emotividade.

A SUPREMA RENUNCIA

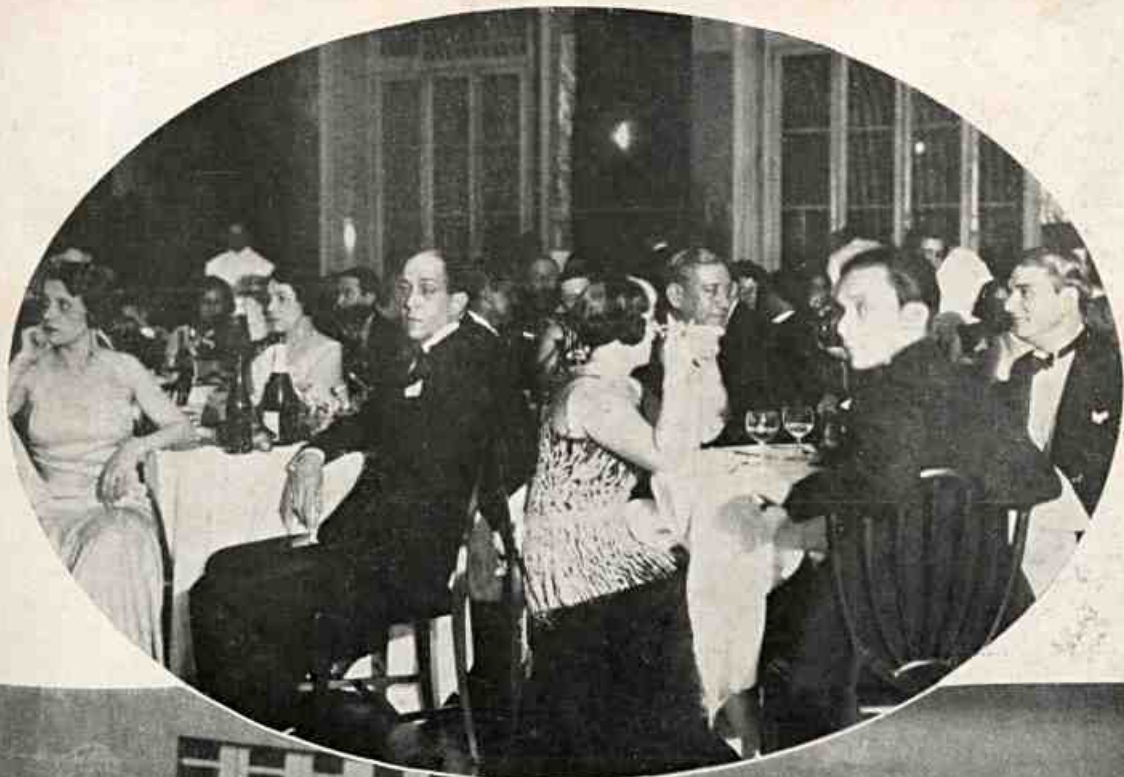
Quero-te, em vão. Fujo-te, em vão. Inquiro,
No dualismo perpetuo que me invade,
A razão milenar desta saudade
E da estoica renuncia em que deliro.

Flor de sangue da minha mocidade!
Rosa e espinho que aspiro e em que me firo!
Ao teu perfume helenico prefiro
A corôa de espinhos da verdade!

Eu, que procuro em todas as torturas
Consolo á minha dor ferina e crebra,
Desprezo as alegrias que procuras.

Nem has-de ouvir, alma impiedosa e louca,
Como uma taça fragil que se quebra,
A palavra partir-se-me na bocca!

ROCHA FERREIRA

A sra. Rhodopi Augusta, illustre declamadora paulista, e esposa do escriptor Rocha Ferreira, realizou um recital de poesias, no Trianon, o que constituiu um acontecimento artistico e mundano, a julgar pela fina e elegante assistencia, que a applaudiu calorosamente. A sra. Rhodopi Augusta é primeiro premio do Grande Concurso de Musica Brasileira d'"A Gazeta" e Radio Educadora, de S. Paulo. Com essas credenciaes era natural que obtivesse o successo que alcançou entre nós, onde deixou traços luminosos da sua graça pessoal e da sua arte encantadora.

O «REVEILLON» DOS ARTISTAS

A grande festa mundana que, sob a denominação de «Reveillon dos Artistas», se realizou sabbado ultimo, nos salões do Palace Hotel, promovida por um grupo de senhoras da nossa alta sociedade, em homenagem á Associação dos Artistas Brasileiros, foi um acontecimento social de fina elegancia, reunindo figuras destacadas do «grand-monde» carioca. Uma noite de deslumbramento e de arte, que reviveu, no Rio, aspectos alegres de Montmartre, preenchendo assim os intuitos da commissão organizadora desse fulgurante baile de artistas. A nossa pagina focaliza detalhes expressivos do «Reveillon dos Artistas».

AUTORES

Silveira de Menezes não é absolutamente um novo em nossas letras. E', porém, um espirito moderno, vivido, curioso, dentro da alta expressão do vocabulo. E é assim que o seu ultimo livro de impressões de viagens, colhidas através de uma longa estadia no Velho Mundo, revela, de modo inilludivel, todas essas caracteristicas mentaes. A sua obra está subordinada ao titulo synthetico: «O Esplendor da Allemanha». Mas o que as suas chronicas nos dizem não é só do esplendor do grande paiz germanico: ellas nos mostram a patria de Bismarck tal qual ella é hoje.

ESPERANDO-TE...

Tu és a Amada, a Mulher-Canção dos rythmos de meu coração. O poema vermelho, de carne e sangue, da minha exaltação. A harmonia suave e terna da minha volupia emocional. A festa musicada do meu mundo interior...

Tu és a Amada, a Mulher-Essencia dos jardins suspensos de minha alma... O perfume envolvente dos sonhos que sonho fóra da propria vida, "mais alem do bem e do mal". A fragrancia casta e fresca da creança que dormita dentro de mim, ou a voluptuosa e embriagadora que arde, em espiraes de desejo, na chamma inquieta e quente da febre dos meus sentidos.

Na pyra votiva da tua bocca cheirosa, oh minha doce e suave Adorada, a exaltação do meu beijo queima a myrrha e o incenso do culto divinamente pagão em que transformaste o templo silencioso e humilde de meu coração.

Por que, tu és o meu amor, todo o meu amor, a "espiritualização" feita mulher, da minha sensualidade".

Lá fóra, o sorriso azul do céo sorri, tambem, dentro de mim. E o sol em festa tambem derrama sobre mim a orgia luminosa da sua alegria. E os pardaes amorosos enchem o espaço de azas inquietas que buscam a maciez quente dos ninhos. E os rosaes estilam e espargem volutas de perfume no mundo "sensualizado" das coisas, dos seres. E, a natureza, eternamente engalanada de verde para a festa concepcional do Amor parece espreguiçar-se sob a copa verdejante das arvores, que espalham sobre a terra fecunda, grandes manchas de sombras quietas e recatadas, como se fossem enormes thalamos nupciaes á espera dos beijos e do carinho dos enamorados...

E eu tambem te espero, oh! Adorada, para a festa e para a exaltação do nosso amor.

E tu virás para mim com toda a floração humana dos rosaes que perfumam o teu ser e fazem o delirio do meu...

MAX LINDER

ARTISTAS BRASILEIROS

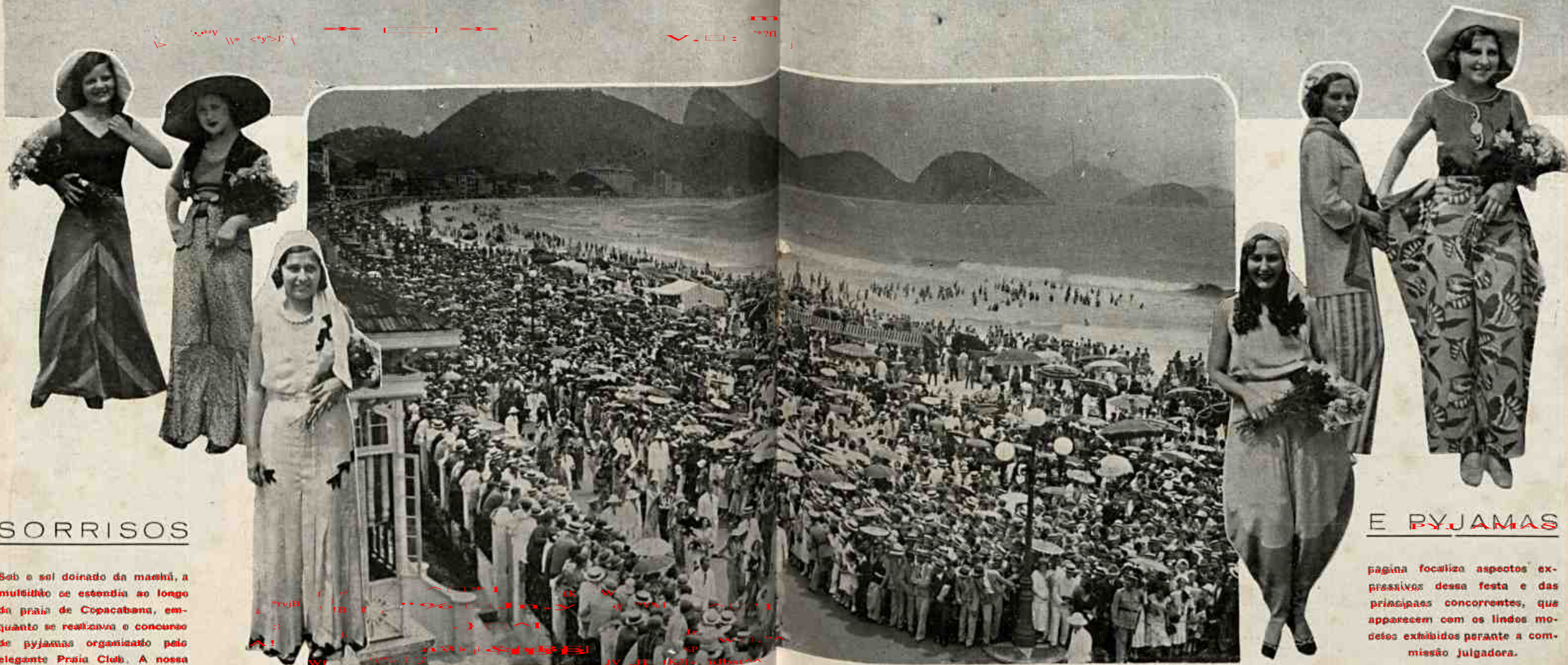
(Photo De los Rios).

O pintor Fernando Lamarca, que tem figurado com êxito nos nossos salões officiaes, alcançando as mais bellas victorias artisticas, inaugurou, segunda-feira ultima, na séde da Associação dos Artistas Brasileiros, uma exposição de sanguineas, com cerca de cincoenta trabalhos escolhidos entre os melhores do joven artista brasileiro.

OS NOVOS ENGENHEIROS

O joven engenheiro cearense Paulo Ferreira, que fez um curso brilhante e é uma promessa de bello futuro.

A festa dos pyjamas

Uma festa de côres e sorrisos, para não dizer, de uma vez, uma festa de mocidade e belleza femininas. Sim, a festa linda do concurso de pyjamas, que teve como scenario aquelle trecho maravilhoso da praia de Copacabana, foi a nota fulgurante de domingo passado. O Praia Club organizou, com o seu prestigio, aquelle torneio de pantalonas de sêda, que tanta graça imprimiam ás figurinhas galantes, que alli se exhibiram. A multidão curiosa e brilhante, por sua vez, muito concorreu para que o certamen tivesse, como teve, sob o esplendor da manhã, aquelle êxito magnifico. E dizendo êxito magnifico, pensamos não exagerar, porque, afinal, o concurso de pyjamas lembrava uma bella manhã de carnaval, ou antes, um banho á fantasia. Para melhor se julgar o successo da festa, estampamos, em nosso numero de hoje, completa reportagem photographica, onde apparecem as principaes concorrentes ostentando as creações mais encantadoras da presente estação, e as vencedoras, que se vêem nesta pagina. São ellas as senhoritas Ilka dos Santos Carvalho (1.º premio), com um lindo e bizarro pyjama branco e preto, com as iniciaes do Praia Club; Violeta Fabbrizzi, (2.º premio), exhibindo um modelo de Deauville, a marinheiro, muito gracioso, e Nadia Pirron, (3.º premio), que trazia um esplendido pyjama vermelho e preto, cujo complemento era um chapéu de palha elegantissimo.

SORRISOS

Sob o sol doirado da manhã, a multidão se estendia ao longo da praia de Copacabana, emquanto se realizava o concurso de pyjamas organizado pelo elegante Praia Club. A nossa

E PYJAMAS

pagina focaliza aspectos expressivos dessa festa e das principaes concorrentes, que apparecem com os lindos modelos exhibidos perante a commissão julgadora.

Um trecho da praia de Copacabana na manhã de domingo passado, por occasião do desfile dos pyjamas, que constituiu a grande attracção daquelle dia e o maior acontecimento mundano da semana. O posto 4 era um recanto de Deauville nas grandes manhãs balnearias da praia franceza.

Muito significativas foram as commemorações da passagem do primeiro anniversario da gestão do dr. Baptista Luzardo na Policia do Districto Federal. Constaram ellas de uma revista na Quinta da Bôa Vista, das corporações dependentes da Policia Civil, inauguração da nova séde da Inspectoria de Vehiculos e do Gabinete de Identificação e outras solennidades. Muitos foram os discursos proferidos, sobre a data, nos quaes se exaltaram os méritos do chefe de policia e dos seus dignos auxiliares, notadamente o dr. Salgado Filho, 4.° delegado auxiliar, que muito tem concorrido para o brilho da administração Luzardo e o secretario daquelle, dr. Coelho Branco, outra figura prestigiosa da policia. As nossas gravuras focalizam os vários aspectos das cerimonias realizadas.

FILIGRANAS

Cafôfa. E' o nome duma comida caseira do Nordeste. Pica-se a carne sêcca, frita-se e mistura-se com farinha. Fica bem gostoso. Ha muitos annos não como um prato de cafôfa. E, ás vezes, fico com saudades.

— São saudades folkloricas, dizem os amigos incredulos para os quaes nem as saudades da querencia são sagradas.

Pois sejam e ahi estaria um capitulo de folklore ainda não explorado entre nós, mesmo pouco explorado em outras paragens, o das comidas locaes e regionaes. E seria um capitulo e tanto, rico, original, curioso e sobretudo util ás donas de casa.

Sua eminencia o cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, d. Sebastião Leme, foi, domingo ultimo, expressivamente homenageado no Collegio da Companhia de Santa Thereza de Jesus, onde se realizou brilhante festa em honra do chefe da Igreja Brasileira, que ahi apparece durante a bella solennidade, ouvindo a saudação das alumnas daquelle educandario catholico.

Aspecto da reunião do Instituto Historico, em que o sr. Hubert Knipping, ministro plenipotenciario da Allemanha, acompanhado de seu secretario, fez solennemente entrega ao illustre dr. Max Fleiuss, secretario perpetuo da grande associação, do diploma de doutor «honoris causa» pela Universidade de Munich.

O CAMPEONATO DE FOOTBALL DA CIDADE

O stadio do Fluminense F. C. encheu-se domingo passado de milhares de «torcedores», que foram assistir ao melhor encontro do dia: o grande jogo entre o tricolor o Vasco da Gama. Esta pagina apresenta os mais empolgantes momentos do sensacional embate do campeonato da cidade.

O dr. João da Silva Serpa, novo procurador geral do Districto Federal, recebeu, sabbado ultimo, uma homenagem dos seus collegas e amigos, que lhe offereceram um almoço por motivo da sua investidura naquelle alto cargo. Fez o discurso de saudação o dr. Adelmar Tavares, que falou brilhantemente em nome dos manifestantes.

CARTA ABERTA

"Marcio: — Não... Não é com lisonjas que me provas o teu amor...

Não é com esses pequeninos nadas, com que procuras envaidecer-me, que me convences do teu afecto por mim...

Não é com me chamares "Bôa"...

Bôa!

Quanto, intimamente, te felicitas por dizer esta palavra banal, o meu coração bate mais fórte...

Bate mais forte, com pancadas irregulares de revolta e de dôr...

"Bôa"! "Bôa" para que? "Para o amor", responderás, naturalmente, com o teu sorriso depreciativo, tão meu conhecido..."

E eu te respondo: "Bôa" só para isso, não é?

E depois, ante o meu indifferentismo, ficas irritado, nervoso, de máo humor...

"Bôa"! Que raiva eu tenho dessa palavra!

E é a única com que os homens me mimoseiam quando passo junto a elles... Por que? Que quererão elles dizer com isso? E' a phrase commum: "Que tal a Fulana?" — "Bôa"!

E eu também sou bôa...

Ah! Tu não me amas, não... Não jures... Não procures provas irrefutaveis... O meu instincto de mulher já adivinhou isso ha muito...

Tu dirás: "A tua idade..."

A minha idade não vem ao caso. A psychologia é mais propriedade dos analystas do que dos idosos. Tu mesmo o disseste um dia.

E, revoltada com a tua admiração cheia de animalidade, eu recordo a imagem do "outro"...

E, apesar do seu prosaismo, eu o colloco alto, muito alto, porque, ao menos, elle me amou tanto quanto lhe foi possível...

"Elle" nunca reparou si eu era formosa ou feia. Nunca me aconselhou "toilettes" ou pinturas da moda... Nunca me atirou a um salão de baile...

Não sorrias...

"Elle" era, concordo, uma mentalidade acanhada. Mas nunca me chamou de bôa. Pelo contrario, parece que me achava bastante feia.

Mas o seu amor foi grande, infinito, incomparavel.

E eu o desprezei, friamente, sem uma lagrima.

A severidade delle me afastava como si fosse uma arma eternamente apontada ao meu coração...

E tu dizes que me amas... Tu, que te pareces orgulhar dos olhares apaixonados com que os homens me olham...

O "outro" seria capaz de desafiál-os.

Tu não me amas. E, apesar desta convicção, eu quereria que me convencesses do contrario... Mas não será com mentirinhas caridosas ou com elogios forçados que tal conseguirás... Infelizmente, perlenço á classe dos analystas. Infelizmente, sim. Porque, si tal não fosse, eu seria obrigada a crer nas tuas augustas razões.

"Como um impossível a razão escreve e escreve o sentimento outro impossível" eu continúo a te querer um grande bem.

E espero, com o coração contricto e o espirito de humildade, o cálice da minha salvação: — a prova do teu amor. — Lia"

Conchita Cio

Na data do anniversario natalicio de Eurycles de Mattos, a 6 do corrente, os antigos companheiros do grande jornalista que durante vários annos dirigiu o brilhante vespertino «O Globo» realizaram uma romaria de saudade ao túmulo daquelle saudoso confrade, cuja lembrança continua cada vez mais viva no coração dos seus amigos. A presente gravura focaliza um aspecto dessa tocante visita, vendo-se também ahi a exma. viuva Eurycles de Mattos e seu filhinho.

O SALÃO DE CHA' DA CASA LALLET

O novo e luxuoso salão de chá da Casa Lallet, na tarde em que foi inaugurado. Toda uma sociedade elegante se reuniu ali, na grande confeitaria do largo da Carioca, para festejar a abertura do novo salão, que apresenta um aspecto digno da civilização carioca e se acha installado como os melhores no genero existentes nas grandes casas de Paris ou de Londres. As decorações e mobiliario, que dão uma nota de luxo sóbrio e de conforto moderno áquelle ambiente «raffiné», foram executados pela Casa Leandro Martins & Cia., que mais uma vez revelou o seu bom gosto no preparo das installações puramente elegantes. A photographia desta pagina dá uma idéa do que foi a primeira tarde chic no deslumbrante salão onde o nosso «grand-monde» terá, agora, um magnifico ponto de reunião.

GLORIA — ODEON — PALACIO

(COMPANHIA BRASIL CINEMATOGRAPHICA)

Os GRANDES CINEMAS que só exhibem GRANDES FILMS das MELHORES MARCAS e dos MELHORES ARTISTAS

Ainda HOJE e AMANHÃ tereis

No PALACIO

BERNICE CLAIRE e WALTHER PIDGEON no film da First National — BEIJA-ME OUTRA VEZ —

No ODEON

NORMA SHEARER no film da Metro Goldwyn BEIJOS A ESMO

No GLORIA

Na tela: HARRY PIEL em "ARSENE DUPIN". No palco: CARR BROS. e BETTY (Excentricos americanos)

E — A SEGUIR — as GRANDES MARCAS apresentarão um conjuncto esplendido de ARTISTAS e FILMS MARAVILHOSOS: —

Da Metro Goldwyn Mayer:

RAMON NOVARRO e DOROTHY JORDAN em "Sevilha dos meus amores".

DELIRIO DE AMOR com CONCHITA MONTENEGRO e LESLIE HOWARD.

POLITIQUICES mais uma de grande metragem, com STAN LAUREL (o Magro) e OLIVER HARDY (o Gordo).

WILLIAM HAINES em "FEITO SOB MEDIDA".

TRAVESSURAS DE AMOR com MARION DAVIES.

FORA DO SERIO com REGINALD DENNY, Leila Hyams e Charlotte Greenwood.

Do Programma Serrador:

D R E Y F U S ("O caso Dreyfus") com FRITZ KORTNER.

M A M B A (da Tiffany Prod.) com ELEANOR BOARMAN e RALPH FORBES.

PEQUENAS PERIGOSAS (da Tiffany Prod.) com DOUGLAS FAIRBANKS Jr., Jeanette Loff e Marie Prevost.

Da Fox Film:

DIVINO PECCADO versão hespanhola com MARIA ALBA e JUAN TORENA.

Da Warner Bros. First National:

JOHN BARRYMORE em "O GENIO DO MAL".

O MILLIONARIO com GEORGE ARLISS, David Manners e Noah Beery.

MARIDOS FESTEIROS com DOROTHY MACKAIL, JAMES RENNIE e Mary Doran.

Da United Artists:

GLORIA SWANSON em INDISCRETA

O DIABO QUE PAGUE! com RONALD COLMAN — LORETTA YOUNG e David Torrence.

NOITE SUBLIME com JOHN BOLES, Evelyn Laye e Leon Errol.

Da Columbia Pict.:

(Distribuição Matarazzo)

O CAÇULA HEROICO com Noah Beery, R. Cromwell e Joan Peers.

Sómente FILMS DE QUALIDADE — Sómente successos certos de BILHETERIA — Sómente FILMS DE GRANDES MARCAS — No

PALACIO — ODEON — GLORIA

FON-FON no Cinema

TENDRESSE

Extrahido da peça de Henry Bataille, por
JEAN TOULOUT e MARCELLE JEFFERSON

A inspiradora do sabio.

NAQUELLE dia, as figuras mais proeminentes nas letras foram assistir, na Academia Franceza de Letras, á recepção de um novo membro, o sr. Paul Barnac.

Barnac vivia com uma joven bem mais moça do que elle, Martha Delliéres, uma grande artista, e interprete de suas peças.

O triumpho de Barnac emocionara profundamente Martha, e naquelle dia o beijo que ella lhe déra foi mais prolongado e mais terno.

Se bem que Martha fosse com Paul Barnac, cada vez mais affectiva, comtudo elle não podia deixar de sentir um grande ciume por aquella creatura linda e vibratil, e a tal ponto, que encarregára uma "miss" de vigiar-lhe secretamente os passos.

E, certo dia, uma controversia entre as palavras da companheira e as da "miss", acerca, de um passeio, provocou, no coração de Barnac, uma dolorosa duvida, que o fazia soffrer cada vez mais.

Na ansia de tudo descobrir, Barnac poz em execução um plano, que surtira pleno exito. Infelizmente, a sua duvida se tornára realidade: elle proprio presenciára toda a scena de amor de Martha, com Jerry.

Vira e ouvira, com o coração a estalar de dôr, os beijos, as caricias e os protestos de amor, naquelle momento de desvario passional.

Entretanto, naquelle terrivel momento soubera reprimir todo o seu odio, e, voltando mais tarde, ainda teve forças de apparentar tranquillidade aos olhos de Martha. Esta cumulava-o de carinhos e nem por sombra podia adivinhar o que se estava passando no intimo de Barnac.

Fingindo ainda nada saber, pede a Martha para lêr um trecho da peça theatral que estava escrevendo. Ella accede, mas, ao começar a leitura, Martha empallidece e a vóz morre-lhe na garganta. E' que alli se achavam escriptas, as mesmas palavras que ella dissera havia pouco ao amante.

Cahe soluçando. Barnac quasi a asphyxia no auge da colera.

Martha continua a implorar-lhe, diz que o adora, que a ternura que ella lhe tem é

Sentia-se rejuvenescer.

Quando os seus corações batiam juntos.

maior do que o amor. Mas Barnac torna-se inflexivel ás suas supplicas. E Martha se despede daquelle, por quem não podia talvez ter exaltação amorosa, mas, por quem sentia, é certo, uma profunda amizade e uma ternura immensa.

Passam-se annos. Representa-se a peça — "Tendresse."

Martha é a protagonista. Barnac entra no theatro pela porta das artistas, e chega ainda a tempo de ouvil-a na canção da "Tendresse", e assistir aos enthusiasticos applausos do publico.

Martha o distingue e a sua emoção é indescriptivel, o mesmo acontecendo a Barnac, o forte commoção, é presa de um qual, não podendo resistir a tão abalo cerebral, que o prostra seriamente doente. E é Martha então que se transforma na mais dedicada e carinhosa das enfermeiras.

E, graças aos seus incessantes cuidados e desvelos, Barnac em breve se restabelece. Julgando a sua missão terminada, Martha está prestes a partir de novo. Nesse momento, porem, ouvem cantar na rua uma canção que Martha gostava de cantar no tempo de sua felicidade.

Trocam um olhar enternecidamente, e Barnac pede que ella fique, porque "a solidão da velhice é muito triste". Elle ama-a muito, e ella deve ficar "ao menos para lhe fechar os olhos".

E um beijo, um longo beijo de amor, uniu duas almas, no mesmo transporte de ternura e de felicidade.

—)x(—

BUSTER KEATON, O IMPAGAVEL COMICO DA METRO-GOLDWYN-MAYER — E' o comico favorito, do mundo inteiro. Seu rosto inalteravel tem feito milhões de pessoas morrerem de rir. E' comico por natureza, o que é um grande caracteristico. Tem um ligeiro e fino espirito. E' um dos maiores comicos cinematographicos, de grande attracção de bilheteria.

Representa todos os seus papeis com uma cara irregular e solenne. Nunca sorri perante a machina cinematographica.

Talvez tenha uma cara immutavel perante a "camera", mas, na vida real, elle solta bôas gargalhadas e sorri continuamente. Diz que é mais difficil fazer o publico chorar que rir.

E' differente de quasi todos os outros comicos; não sente ambição alguma de interpretar tragédias.

Adora o trabalho nas comédias, e quer continuar sempre neste genero.

E' uma extraordinaria combinação de precisão mathematica, genio inventivo e comedia. E' humorista de grande calibre. Gosta de ouvir bôas anecdotas. Seu senso de humor leva-o longe em suas pesquizas. Aplica seus conhecimentos de mechanica e logica a todos os problemas, inclusive o de fazer rir.

Pratica incessantemente suas comédias. Póde sentar-se numa cadeira e, inconscientemente, fazel-o comicamente. Quasi todos os seus movimentos são engraçados. Está treinado para fazer movimentos pardegos inconscientemente. Analysa qualquer situação ou movimento de modo comico quasi antes de acontecer.

Julga que a pessoa mais importuna do mundo é aquella que, apenas ouve uma historia engraçada, diz: "Isto faz lembrar-me de...:" Tem uma aversão pelas pessoas que continuamente acreditam que todas as coisas neste mundo estão direitas. Tem um horror áquelles que lhe batem nas costas, áquelles que continuamente dizem "não", aos bisbilhoteiros e aos viajantes profissionaes.

Gosta muito de applicar a analogia das mathematicas e da mechanica a todas as coisas. Em primeiro logar, porque a mechanica é um dos seus passatempos predilectos. Tem um grande prazer em averiguar as mais complicadas peças de machinismos. Concerta cadeiras no seu camarim. Tira todas as peças de um relogio e junta-as novamente. Gosta muito de mexer no motor do seu automovel.

Toca piano, ukulele e banjo. E' possuidor de tres receptores de radio, mas esses apparelhos raramente

(Conclue na pag. 46)

Ternura!

Onde a civilização não chegou.

A voz da Africa

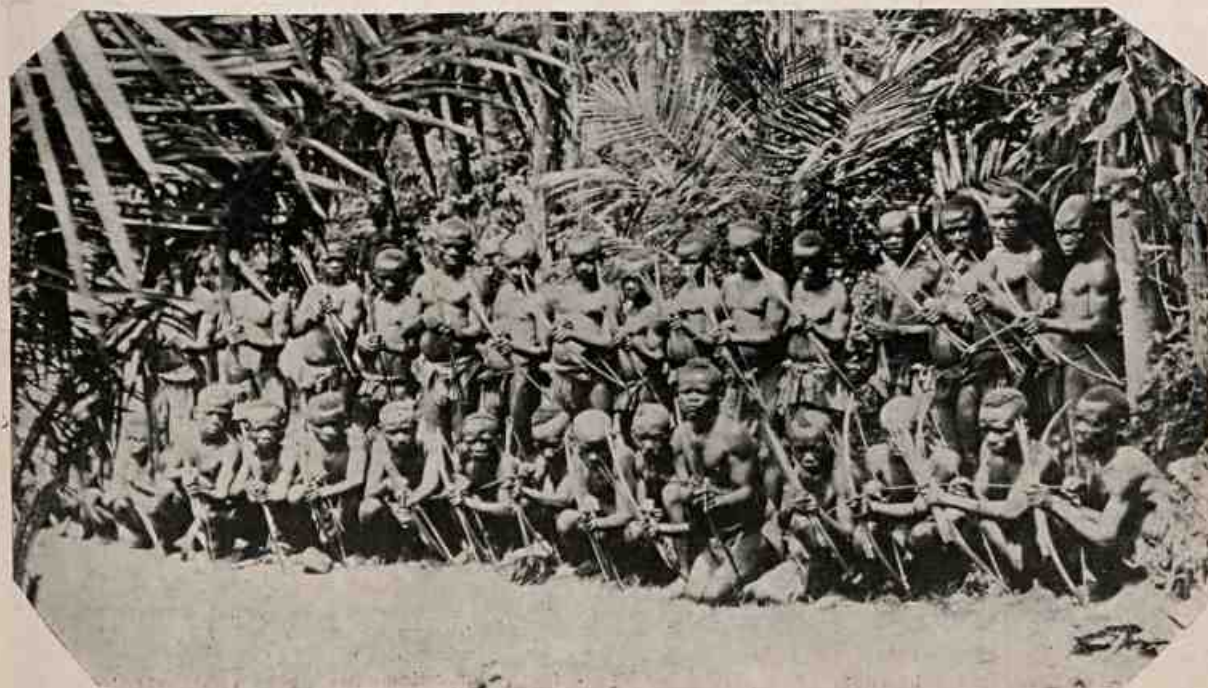
Super-producção da Columbia,

com a collaboração do artista brasileiro

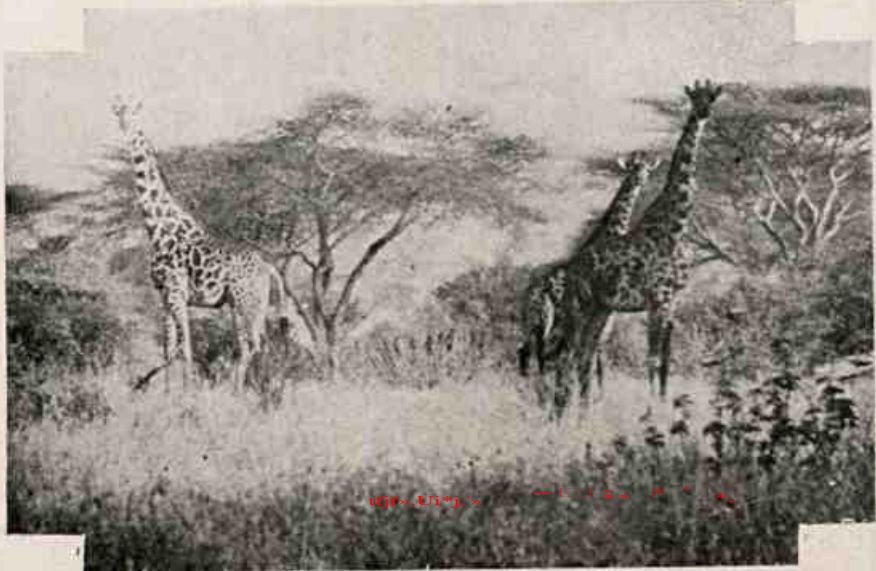
RAUL ROULIEN

A VOZ DA AFRICA differe de todos os outros films da especie, porque não é sómente uma dynamica reproducção de aventuras nas florestas — mas tambem um continuado romance da vida, amores e odios, ciumes e triumphos do povo das invias florestas.

Expedições sobre expedições, attingiram o auge do dramatico conflicto entre homens e homens, homens e féras, homens e mulheres, na terra simples e primitiva, onde o mais forte dita as regras da vida, onde a força alcança pela sua brutalidade o sustento e o prazer.

De Mombassa, no Ocea-

Guerreiros das selvas.

Uma familia real... das selvas.

no Indico, até Lagos, no Atlantico, abre-se o caminho desta aventura maravilhosa, atraz do palpitante coração negro do inatingivel Congo. Costumes pittorescos, paizagens arrebatadoras de uma belleza nunca vista, danças selvagens, o velho ritual da veneração dos deuses da fartura e do amôr, os animaes bravios, enfrentando arrojadamente os homens e disputando com elles a terra que sempre lhes pertenceu... são uma flamma num fundo negro, illuminando o panorama de crueldade, de sensualismo e de festas encantadoras de heroismos!

Um grupo de «melindrosas».

Através de torrentes, pantanos, pela linha tropical, vão até Kyva Be, cujas mulheres usam grandes discos de madeira nos lábios inferiores, o que lhes dá uma apparencia de patos grotescos. Essas mulheres, entretanto, tiveram a sua belleza! E, para a visão africana — ainda o seriam se não estivessem agora desfiguradas. Os árabes causaram isto, varrendo o deserto em busca de raparigas negras. Elles as encontraram em Kyva Be. Os vorazes piratas do deserto tanto repetiram as suas façanhas, que deixariam as tribus quasi vazias de mulheres, até que as restantes se viram obrigadas a essa desfiguração afim de evitar o captiveiro dos chefes beduinos.

Os pygmeus! Gente pequena e tagarella — cuja voz foi apanhada pelo microphone, e de quem a objectiva, trouxe o cerimonial do casamento em um perfeito estado que choca a sensibilidade e fascina o espirito moderno. O casamento para essa raça é tão natural como comer e beber.

A sanguinaria mulher da tribu, bôa attendora das selvas; os mortaes venenos, segredos perdidos para o tempo, cujo contacto significa morte instantanea...

A luta, braço a braço, com os gigantescos leões, a colera terrivel do rei das selvas, investindo furioso contra os audazes caçadores, o bater dos tambores, ouvido e repercutido por leguas e leguas, as mulheres de Nairobi, dançando com um disco de victrola, admiradas daquella caixa que fala... A tempestade de gafanhotos que encobre o céo, o tanto quanto a vista póde alcançar, tirando o brilho do sol e formando um immenso docel sobre a terra, são aspectos ineditos e arrebatadores deste grande film!

Sensação sobre sensação! Momentos de fremito, de ansiedade... O drama continuo, impressionante das selvas, illuminado por heroismos anonymos... Eis a "Voz da Africa", que o "Eldorado" vae exhibir.

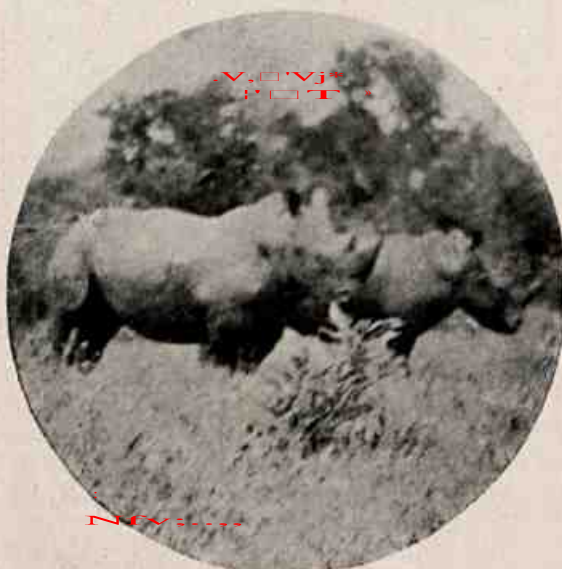
Em plena liberdade.

BUSTER KEATON,

o impagavel comico da Metro-Goldwyn-Mayer

(Conclusão)

funccionam, pois elle invariavelmente os está desarmando para aperfeiçoal-os.

E' um grande athleta. "Baseball" é seu sport favorito. Sabe mais a respeito deste jogo do que muitos profissionaes. Joga com uma pericia assombrosa. Vem jogando "baseball" desde criança. Seu admiravel physico é uma perfeita machina para o negocio de "baseball". Isto explica a razão por que elle nunca tem um "duplo" para as acrobacias que faz na téla, muitas das quaes um "duplo" provavelmente não poderia fazer. Conserva-se em perfeito estado de saúde, e póde dar bem todos os perigosos saltos acrobaticos que aprendeu em criança quando trabalhava em variedades.

Em pleno seculo XVIII, na época em que predominavam a crenoline, a jaqueta de seda, o rococó e a galanteria... faziam-se allianças guerreiras ao som de deliciosos minuettos e tramavam-se intrigas politicas á mesa de piquet...

Uma visão esplendorosa desse tempo nas côrtes de Dresden e de Potsdam onde dominavam o conde Bruehl e Frederico, o Grande.

SANSSOUCI

(Das Floetenkonzert von Sanssouci)

Maravilhosa super-producção da **UFA** *com o preclaro astro*
OTTO GEBUEHR

e a encantadora estrella
RENATE MUELLER

Direcção de scena: Gustav Ucicky

A PARTIR DE 16

no CAPITOLIO

A VAIDADE FEMININA ATRAVÉS DOS SECULOS

Uma escriptora norte-americana, mrs. Spalding, publicou, não ha muito, curiosissimo livro sobre os segredos de toucador das bellezas dos tempos preteritos. Eis aqui um par de formulas dos que se contem neste notavel resumo da vaidade feminina através dos seculos.

Para colorir os cabellos. — Em certos casos é preciso misturar leite de mulher que amamente um varão e distillál-o cuidadosamente com uma andorinha viva, sem se lhe tirar as pennas.

Para conservar a cutis lisa. — Misturar duas onças de carbonato de chumbo com outro tanto de tártaro de potassa; cinco onças de uma mistura de sublimado e de prata em pó, a que se juntam duas onças de gomma adstringente e de nitro de Sari. Lava-se o rosto durante a noite, antes de agazalhar-se.

A amostra fará conhecer o que eram estas receitas da antiguidade. Segundo o livro de mrs. Spalding, taes receitas foram encontradas em um manuscripto de 500 formulas, que Catalina Sforza — terrivel idéal de mulher da Renascença italiana — mandou preparar por alchimistas da epoca, para conservar a belleza do seu corpo. E' sabido que esta mulher, em meio dos successos da guerra, cuidou sempre com esmero da sua belleza, attingindo edade avançada em todo o esplendor da sua assombrosa formosura.

As taes receitas embora nada praticas, interessam como documentos historicos vindos das mãos desta mulher, a quem as italianas de hoje perdoam, de bom grado, seus crimes e suas violencias, para recordar sua velhice austera e chamal-a com ternura "La dama de Forli".

A VIDA DOS CYSNES — Os cysnes vivem geralmente de sessenta a cem annos.

Nunca mais serão as suas lindas meias estragadas pela lavagem

Na espuma macia de Lux pode-se lavar sem risco e sem necessidade de esfregar

A lavagem com Lux, ao envez de consumir, renova as meias de seda.

Basta transformar em espuma leitosa e esbranquiçada as finas laminas de Lux, para V. S. poder lavar os mais delicados tecidos expremendo-os apenas contra os flócos do sabão. Use este processo e as suas sedas e rendas finas estarão ao abrigo de estragos.

Lux é tão puro quanto a propria agua. Não prejudica as malhas e não faz desbotar as côres.

Rejuvenesça e embelleze com Lux as roupas que lhe são mais caras. Conserve-as novas por mezes e mezes de uso.

S. A. IRMÃOS LEVER - S. PAULO - BRASIL

Lx 18 — 0132b Bz

JUVENTUDE

De Fraderico Boutet

— Pois bem! Foi durante uma viagem que fiz á Florida, ha quatro annos, fazendo parte de uma expedição de estudos scientificos e industriaes — contou o americano Morgan. — Um dia, quando nos haviamos afastado em direcção ao sul, abandonei nosso acampamento, pouco antes do pôr do sol, para vêr si podia apanhar uma phalena de especie rara, que não vôa sinão áquella hora. Estava com febre desde varios dias. Fazia um tempo humido e quente. Todos os meus nervos amolleciam com a approximação da noite, e eu experimentei a sensação de uma embriaguez perigosa e esquisita. Caminhava lentamente entre os perfumes de uma paizagem, que parecia encantada, e me esqueci de minha caçada. Era já noite, eu havia escalado uma colina e me sentia fatigado. Sentei-me para escutar a vida dos animaes, as plantas e a agua, que vibravam em torno de mim como um sonho.

Interrompendo sua narrativa, esvaziou, com ar pensativo, seu copo de whisky, e proseguiu:

— De repente, ouvi uns passos rapidos, e levantei-me. Deante de mim surgiu um homem. Sahia de um valle escarpado, que se abria alli perto, e me deu a propria illusão que brotára da terra. Era alto e fraco.

"Parecia louco. Proferia palavras entrecortadas, e gesticulava olhando as estrellas, ao mesmo tempo que levantava um cabaz de couro, cujas correias estavam penduradas. Ao ver-me, gritou:

" — Encontrei-a! E' ella, é ella! Eu tinha razão! Ella existe!

" — Que? — perguntei eu, olhando-o e pensando que já tinha visto aquelle rosto, não me lembrava quando nem onde.

" — Juventude! — gritou-me louco de alegria delirante. — Juventude! A maravilhosa fonte, o sonho de esperança e de vida das fábulas antigas, a lenda embriagadora que enlouquecia os sonhos dos conquistadores! O velho Ponce de León, que a procurava em vão na Florida virgem, estava inspirado pela verdade mesma! Encontrei-a. posso lhe assegurar! Grite! Ruja de alegria! E' a saúde, a vida, a juventude eterna!

"Fitou-me nos olhos, calou-se, e acalmou-se um pouco.

" — Não, não! — proseguiu. — Não é febre, embriaguez, nem loucura, mas delirio de alegria! Digo a verdade: encontrei a Fonte de Juventa!

"Fez uma pausa e inclinou-se para mim:

" — O senhor me conhece? olhe-me bem! Sou Stanley Wilson, o rei do ferro!

"Acabaram-se, então, minhas recordações. Reconheci o illustre archimillionario. Mas, em que havia mudado?

" — Sou eu — continuou — e ao mesmo tempo, não sou eu! Tenho setenta annos, e vê o senhor! —

"Tirou o chapéo. Eu contemplava sua figura erecta e seus cabellos negros e espessos.

" — Esta manhã os tinha brancos — disse elle — e sentia-me fraco, prostrado, cansado, enfermo e desesperado... E agora bebi da agua de Juventa. Tenho meu cabaz cheio della. Conquistei a força, a juventude, a esperança, porque poderão ser...

"Houve um silencio. O homem proseguiu:

" — Sim. Uma mulher. Para que quer o senhor que a gente deseje a juventude, sinão para o amor de uma mulher? Eu tinha sessenta e cinco annos quando vi Grace Evans, e comprehendi, então, que não vivera nunca e que todos os meus esforços, todas as minhas lutas e todas as minhas victorias eram tão pouca coisa como o pó desde que em pó se convertera ao primeiro olhar que seus olhos fixaram em mim... Ella contava dezoito annos... E eu a amava. Comprehende isso? Eu queria ser amado. Sabia que ella me amaria si eu fosse joven, porque me admirava, e, bruscamente, como em um sonho phantastico e desesperado, se ergueu em mim a esperança insensata das antigas crenças da velha Europa, e eu quiz dar com a fonte de Juventa... Sim, eu, Stanley Wilson, o rei do ferro, gastei centenas de milhares de dollars para enviar expedições á procurar através desta terra mágica da Florida, de uma loucura legendaria da qual troçavam ha cinco seculos! E quando esses homens vol-

tavam sem nada ter encontrado, eu percebia os seus esforços vãos, sem poder dissimular um sorriso de compaixão, como si os ouvisse dizerem: "Ahi está o grande Stanley Wilson... Afinal, é necessario levar-lhe as homenagens por seus dollars"... Então parti eu mesmo, sozinho, para encontrar ou morrer, pois não posso viver sem Grace Evans... E procurei, procurei e procurei! Estava cada vez mais desesperado, mais angustiado pela fadiga. Esta manhã cheguei lá (seu gesto indicava vagamente o sul), na região da agua subterranea. Sentia-me morrer de tristeza e de cansaço. No fundo do estreito valle, sentei-me perto de uma das numerosas fontes. Tinha na mão um ramo sêcco de magnolia e, machinalmente, o deixei cahir nagua reverberante que vivia a meu lado em uma fonte de pedra polida... E vi o ramo estremecer, enverdecer, multiplicar-se em folhas esquisitas de grandes flôres violeta. Abri os olhos, comprehendi a maravilhosa frescura de todas as coisas e seu brilho milagroso, e cahi desacordado de alegria, porque alli estava Juventa...

"Deteve-se, offegante, proseguindo depois:

" — Quando voltei a mim, bebi alguns tragos da fonte de juventude eterna e senti que a vida circulava em mim... A vida, digo... Não duvide! E' a vida... Tenho-a aqui dentro de meu cabaz. Olhe. Bebo a vida...

"Elevou seu cabaz para o céo estrellado. Bebeu, a longos sorvos. Vi, então, esse homem mudar deante de meus olhos, como si uma mascara lhe cahisse do rosto. Seus cabellos tornaram-se mais abundantes e lustrosos, seus olhos mais brilhantes, sua figura mais fresca e animada, e o fogo da juventude extendeu sobre elle um brilho novo.

" — E' a vida! — repetia, embriagado. — A vida e o amor!...

"Levou mais uma vez o cabaz nos labios, e bebeu novamente.

" — Basta! Basta! — gritei-lhe, precipitando-me para seu braço, afim de conter sua loucura.

"Mas era muito tarde. O cabaz vazio cahiu-lhe das mãos. Vi-o mudar ainda surprehendentemente rapido. Agora era um adolescente... e, deante de meus olhos só havia um menino, em cujos labios tremia ainda a expressão longinqua do velho, como uma neve que se dissipa. Mas o menino se tornou um bebê, um bebê chorão, e, por fim, uma pequena massa informe de carne, que, na sombra, se apagou, fazendo-se [illegible] Uma sombra e nada...

"Assim desappareceu Stanley Wilson, que havia encontrado a Fonte de Juventa de agua milagrosa, e que levou comsigo o segredo para o limbo a que voltou deante de meus olhos, por beber demais..."

A FEIA

ANGELITA é delgada, mas offerece curvas deliciosas. Tem dezoito annos, formosos cabellos loiros, lindos olhos azues, um nariz correctissimo e uma bocca de labios de purpura, que, ao descobrir seus dentes, branquissimos e miúdos, deixa vêr o mais amavel dos sorrisos.

Angelita é feia. Pelo menos, assim lhe disseram. Ella sabe disso, e soffre.

Desde que deixou de ser uma menina para se transformar em uma linda joven, cujos encantos lhe valeram alguns elogios, seus paes nunca cessaram de repetir-lhe, diariamente: "Como és feia, pobre filha!"

Frequentemente, as amas vizinhas da casa da qual os esposos Chamosen são porteiros os felicitaram por terem uma filha tão linda. Mas a senhorita Julia, do terceiro, pessôa de idade e experiencia, lhes preveniu contra os perigos do orgulho:

— Façam com que a pequena não se julgue bonita. Não ha nada peor para que a juventude se perca. A formosura sóbe-lhe á cabeça, e na primeira occasião...

O casal Chamosen meditou sobre essas palavras e combinou a tactica a seguir para salvaguardar a honra da familia.

Todos os dias a mãe Chamosen diz á sua filha:

— Mas, minha filha, anda direita! Não observas que cada dia ficas mais feia? E esse modo de andar! Pareces um pato! Que desdeixada! E que maneira de pentear-se! Si continuares assim, verás todo mundo rindo de ti. Não tens sorte, filha! A verdade é que és feia com esses olhos tão grandes e essa bôcca tão pequena.

A' força de repetir isso os proprios Chamosen chegaram a persuadir-se da fealdade de Angelita. Esta, por sua vez, havia chegado a se envergonhar de sua pessôa e se tornára uma moça timida, quasi selvagem, que passava os dias na portaria, sem se atrever a mostrar-se a ninguem.

Acostumára-se á idéa de ficar solteira. Lia com emoção as novellas em que se falava de passeios de namorados pelos bosques solitarios e olhava com inveja os casaes de noivos que andavam enlaçados, protegidos pela sombra do crepusculo.

Um dia, cruzou com um homem que, ao vêl-a, começou a seguil-a. Ella apressou o passo, e elle a imitou. Era moço e bonito. A principio, Angelita sentiu-se constrangida. Depois, pensou: "Não é possivel! Não reparou direito. Pobre homem! Que decepção, quando me vir bem!"

Com um gesto de doçura, procurou afastál-o. Mas o joven se poz a caminhar a seu lado, e entabolou conversação.

Angelita experimentava uma grande emoção. Nunca lhe haviam falado daquella maneira.

— Não tenha medo, senhorita. Sou um homem bem educado e póde ter confiança em mim. Não quero causar-lhe a menor magoa. Pelo contrario! A senho-

De Paul Reboux

nita parece triste e deve ter necessidade de alguem que a console. Eu gostaria tanto de vêl-a sorrir! Quando se é bonita como a senhorita, sempre se devia ter um sorriso nos lábios.

Involuntariamente, ella encurtou o passo. De repente, recobrou sua lucidez. Mas não quiz repellir virtualmente a quem se havia mostrado tão doce para com ella. Deixál-o vêr sua fealdade era o melhor modo de desalentál-o, e, voltando o rosto, olhou frente a frente o galã.

Mas elle juntou as mãos, num gesto de admiração que não parecia fingida.

— Meu Deus! Como a senhorita é bonita!

Angelita, depois de um momento de espanto, voltou a cabeça.

— E' muito feio troçar de mim dizendo-me que sou bonita.

— Como!? Nunca lho disseram?

— Sei muito bem que sou feia. Vivem a repetir isso em minha casa.

O moço tocou docemente o braço de Angelita. Presentia alguma coisa singular, divertida e commovedora, a um tempo.

— Quem lhe disse que a senhorita é feia? Conte-mo, pequena.

Angelita, conquistada por aquella ternura, contou a historia de sua desgraça. Quando terminou, o joven lhe disse, sorrindo carinhosamente:

— E a senhorita julga que não haverá ninguem que a ame?

— Ninguem. Sei-o perfeitamente.

— E si, apesar de tudo, encontrasse um homem que lhe dissesse: "A senhorita é muito bonita, e eu a adoro", que responderia?

Angelita escutava palpitante aquellas palavras. Comprehendia que acabava de encontrar um acaso de felicidade que talvez nunca mais se lhe apresentasse. Seus bellos olhos e seu sorriso responderam por ella.

— Pois bem, está dito. Vou leval-a commigo.

Angelita estava sem defesa contra aquella maravilhosa aventura. Occorreu-lhe uma objecção:

— E meus paes?

O casal estava perto de uma agencia do correio. Entraram os dois ali, e o moço, entregando-lhe um cartão postal, lhe ordenou:

— Escreva.

Docilmente, Angelita inclinou sua cabecinha loira e se poz a escrever, emquanto seu novo amigo dictava:

"Queridos paes: Vou causar-lhes uma grande alegria. Vocês já estavam desenganados de encontrar um homem que me quizesse. Pois bem: uma sorte incrivel me fez encontrar esse homem, que me convida para ir com elle. Vocês me disseram tantas vezes que sou tão feia, que não vacillo, certa de que, devido á minha fealdade, não tornarei a encontrar uma occasião como esta. Sua filha, que muito os quer: Angelita."

FELICIDADE

Felicidade, tu bem que existe,
Chamam-te, emtanto, sonho fallaz...
Só não te encontram os poetas tristes,
Que te procuram onde não estás.

Já me buscaste, felicidade,
Nos doces tempos de minha aurora!
E eu, todo cheio de ingenuidade,
Sem conhecer-te, mandei-te embora...

E, hoje, no outomno, triste, sozinho,
Quasi no occaso da mocidade,
Em vão te busco no meu caminho,
Felicidade, felicidade!

MATAR O TEMPO

Matar o tempo — que asneira!
Dizemos constantemente;
E o tempo vae, sem canceira,
Aos poucos, matando a gente!

BENJAMIN PESSÔA

A mulher

De Maria

CÓRDOBA. Uma capella nas cercanias da cidade. Deante de um altar em que havia uma imagem do Menino Deus, uma mulher de preto rezava com todo fervor. Tinha nos olhos uma luz estranha, e parecia como que transfigurada.

No relogio da capella deram oito horas da noite. No mesmo instante appareceu o sacristão, fechou as portas, apagou as luzes e desappareceu. A mulher, absorta em sua prece, não percebeu nada: nem o ruido das portas ao fechar-se, nem a falta de luz.

A falta de luz ella não podia notál-a. De tão alto lhe chegava uma luz, — uma luz que só ella percebia e que, ao tocál-a, a havia transfigurado, inundando com claridades divinas o seu mundo interior.

E ali estava cravada naquelle logar, com o olhar fixo no Menino Deus, como que comprovando o milagre. Sim, verdadeiramente era um milagre.

Do passado dessa mulher não se sabia nada. Do presente, sim, e era tão triste! Tinha um filhinho unico, divino, a quem adorava. Esse menino era tudo o que ella possuia na vida. Uma tarde, estava brincando na rua com os meninos do bairro, e contam algumas pessôas, que ali se encontravam, que de um automovel regio desceu uma senhora joven e muito elegante, tomou o menino nos braços, voltou ao carro e, sem dar tempo a nada, o vehiculo se poz em movimento com tal velocidade, que num momento se perdeu de vista, ficando no caminho, como unico indicio de sua passagem, uma enorme poeira cinzenta.

Desde essa tarde, a pobre mãe ficou como louca. E, dia a dia, augmentava seu desespero vendo a inutilidade de seus esforços para tornar a encontrar o filho.

Já a policia havia desistido de investigál-o, e não se occupava mais do caso. As pesquisas que ella levára a effeito tambem não conseguiram nada. Ella — a mãe — errava todo o dia pelas ruas com a só obsessão de encontrar o menino. E foi assim que, a 5 de dezembro — dia do milagre — depois de ter caminhado muito, toda suffocada e exhausta, se sentou em um banco de uma praça, á sombra de uma arvore, e ali adormeceu.

Em sonhos, viu que se lhe reapparecia o filho, vestido de branco, lhe tomava da mão, e ella se deixava guiar por elle. Assim unidos, de mãos dadas, caminhavam dois quarteirões ao longo da praça, e, dobrando depois á direita, caminharam tres quarteirões e se encontraram deante de uma enorme porta. Esta se abria de par em par, o menino soltava-lhe a mão, e entrava. Quando

de preto

Haymes

ella queria seguil-o, a porta se fechava. Então ella começava a chamál-o aos gritos, e assim, em pleno desespero, se despertou.

Já accordada, como que hypnotizada, se levantou e caminhou os dois quarteirões ao longo da praça. Ainda lhe parecia sentir o cálido roçar da pequenina mão na sua, grande e tosca. Chegou ao fim dos dois quarteirões, e dobrou á direita. Caminhou tres quarteirões, e se encontrou deante de uma capella humilde e branca, com uma enorme porta de madeira pintada de verde. Era a mesma porta! A emoção paralysou-a por um instante. Mas reagiu rapidamente e, com impulso de onda, empurrou a porta, que cedeu, abrindo-se fortemente para lhe dar passagem.

E ali está a mulher de preto, fincada ao solo, com o olhar fixo no Menino Deus, como que comprovando o milagre.

* * *

Desde esse momento decorreram muitas horas, tantas, até chegar o dia seguinte.

A luz, a tenue luz do amanhecer, que começava a filtrar-se pelas velhas janellas, ia pondo em relevo a imagem do Menino Deus, ia animando-a, ia dando-lhe vida.

O Menino Deus, em attitude doce, com sua carinha risonha, com suas mãozinhas extendidas, parecia querer animar a mulher de luto a que se approximasse delle, o tomasse em seus braços e o estreitasse contra seu coração.

Um raio de sol illuminou-se de repente. Então a mulher de preto se levantou, subiu as grades do altar, e, com um gesto divino de mãe, estreitou contra seu peito o Menino Deus, emquanto, chorando, dizia:

— Meu filho, que ventura encontrar-te!

Emquanto o capellão se vestia para dizer a primeira missa, viu pela janella de seu quarto, que duas luzes, pequenas como duas estrellas, atravessaram uma das velhas janellas, e, uma vez libertas, subiram até perder-se na immensidade azul e luminosa.

Acabou de vestir-se mais depressa. Sahiu de seu quarto e se dirigiu directamente á capella. Ao entrar ali, encontrou o sacristão, que ia sahindo para chamál-o.

O sacristão, com a vóz entrecortada pela emoção, lhe disse:

— Um milagre! Um milagre!... A imagem do Menino Deus desappareceu, e deante de seu altar ha uma mulher de preto, morta!

Foram até esse altar, e, quando chegaram ao lado da morta, se ajoelharam, e, ao fazêl-o, ouviram uma vóz, que dizia:

— Levaram-na para o céo. Era uma santa...

ASPIRAÇÃO

A' cidade dos sonhos e das rosas
Por que não vens, ó minha companheira?
Por que não vens, com tuas mãos piedosas,
Curar minh'alma desta atroz canseira?

Por que não vens, com ternas mãos sedosas,
Tu, que resumes minha vida inteira,
Abrir-me as pobres vistas dolorosas,
Affagar-me a nevada cabelleira?

Eu, que vivo chorando á tua espera,
Canto hosannas á doce primavera,
Qual passaredo em lindas alvoradas.

Não te demores, vem, estuga o passo,
Que deseja morrer em teu regaço
Quem deixaste, a vagar, pelas estradas!...

Horacio Mendes

A RECEITA INFALLIVEL

De HENRY FALKY

ERAM duas amigas, lindas mulheres, que, levianas, queriam viver alegremente. Marion, porém, ou por falta de habilidade, ou por má sorte, vegetava entre amores passageiros e escassamente proveitosos. Emquanto que Beatriz se vangloriava de suas conquistas duradoiras e fructuosas. Frequentemente, Marion abandonava seu pequeno appartamento da rua Blue para ir almoçar em casa de Beatriz, que habitava um bello pavimento da rua Jouffroy. E o almoço numa terminava sem que ella, mais uma vez, e não sem amargura, perguntasse a Beatriz a receita de seu êxito:

— Tu te preoccupas muito menos do que eu em relacionar-te... Frequentas muito pouco os bars e os dancings... Passas o dia fumando cigarros e folheando revistas da moda... E's bem mais preguiçosa...

Beatriz, indolentemente loira, respondeu, afinal um dia, mas com ar trocista:

— Preguiçosa... physicamente, é possivel. Não corro, como tu, a todos os logares de diversões em busca de conquistas... Mas, preguiçosa de espirito, isso não!... Eu procurei, querida, e encontrei o meio de obter amizades sérias, sem intermediarios, sem disputal-as a ninguem... Meus amigos, deves já tel-o notado, são sempre estrangeiros de categoria, chegados á França através do oceano... L o g o que desembarcam, eu os abordo; e elles se sentem encantados de minha desenvoltura...

— Como? — surprehendeu-se a morena Marion. — Vaes esperal-os no porto ou na estação?

— Escuta — exclamou Beatriz, rindo. — E's minha melhor amiga. Com a condição de que guardarás segredo, vou revelar-te minha receita... jura-me que serás discreta!...

— Juro! — respondeu Marion, com solennidade.

— Minha idéa não é nada e é muito — proseguiu Beatriz, com um ar de pretenciosa modestia. — Era só questão de pensar nisso. Escuta, e tira proveito do que te vou dizer.... Todos os dias leio com attenção a secção social dos jornaes elegantes. Isto é, todos os dias não: quando é necessario para meu plano. Ha tres mezes que seria inutil. Continúo lendo essa secção por simples passatempo, uma vez que minhas relações com Harry William Tennison o principe das ligas em Philadelphia transcorrem sem tropeços. Mas vou indicar-te como conheci Harry. E' muito simples.

"Entre os americanos recentemente hospedados no Tiumphe Palace Hotel, escolhi o nome de Harry William Tennison, apparecido com outros, em uma lista publicada num jornal de grande circulação na alta sociedade. E escrevi-lhe a mesma carta que já havia escripto, o anno passado, ao excellentissimo senhor don Manuel Hernández, e, ha dois annos, a sir Daniel Hoptoroyce... Eis aqui o modelo da carta"...

Beatriz abriu uma pequena gaveta de sua secretaria, e entregou uma folha de papel a Marion, que leu o que se segue:

"Meu querido amigo. — Os jornaes me informam de sua chegada a Paris. E' para mim uma alegria profunda, porque não posso esquecer as horas encantadoras que passei, graças a você, na formosa cidade de..."

Marion interrompeu-se e olhou Beatriz:

— Deixaste em branco o nome da cidade?

— Naturalmente: ahi intercalo o nome da cidade de onde chega a pessôa a quem escrevo. Para Harry, havia escripto Philadelphia. Para Hernandez, Havana. E para sir Daniel, Calcuttá.

— Ah!

— Continua.

Marion proseguiu sua leitura:

"...Poderia você dar-me a grande satisfação de vir tomar, em minha casa, um copo de vinho, no dia..."

— Ponho a data — explicou Beatriz — ajunto uma fórmula amavel de ternura para completar o effeito da missiva, e assigno...

— E depois?

— Depois, naturalmente, o destinatario da carta não tarda em verificar de que a mesma provém de uma desconhecida...

— E responde, apesar de tudo? — inquiriu Marion.

Beatriz esboçou um sorriso de mulher superior.

— E' que não conheces o espirito de curiosidade e a necessidade de intriga dos homens? Não responde, mas se apressa a aceitar meu convite. Pergunta a si proprio quem e como será essa parisiense que julga o ter conhe-

(Conclúe na pagina 58)

Os Romances de FON-FON

Constituem um bom passatempo, pelo muito que tem sua leitura de agradavel e instructiva. Seus enredos habilmente desenvolvidos pelo espirito creador do grande Michel Zévaco, que, admiravelmente, liga á parte historica aventuras de amor, e odios implacaveis, prendem a attenção do leitor, proporcionando-lhe horas de prazer. Essas obras interessantissimas, cuja collecção constitue um verdadeiro thesouro literario, são traduzidas e editadas pela Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A. Na administração desta Empresa encontram-se as collecções de romances abaixo descriminadas que podem ser enviadas a quem as pedir, podendo as importancias respectivas serem remettidas em carta registrada com valor declarado, vale postal ou sellos do Correio, para a Empresa "FON-FON" e "SELECTA" S. A.

Preço das collecções:

	PORTE SIMPLES	PELO CORREIO
OS PARDAILLAN — 12 fasc.	6$000	7$200
EPOPÉA DE AMOR — 9 fasc.	4$500	5$400
FAUSTA — 10 fasc.	5$000	6$000
FAUSTA VENCIDA — 9 fasc.	4$500	5$400
PARDAILLAN E FAUSTA — 8 fasc.	4$000	4$800
AMORES DE NANICO — 8 fasc.	4$000	4$800
O FILHO DE PARDAILLAN — 16 fasc.	8$000	9$600
CAPITAN — 14 fasc.	7$000	8$400
BURIDAN — 19 fasc.	9$500	11$400
PONTE DOS SUSPIROS — 8 fasc.	4$000	4$800
AMANTES DE VENEZA — 7 fasc.	3$500	4$200
O CASTELLO SAINT POL — 9 fasc.	4$500	5$400
JOÃO SEM MEDO — 6 fasc.	3$000	3$600
BORGIA — 11 fasc.	5$500	6$600
HEROINA — 14 fasc.	7$000	8$400
NOSTRADAMUS — 13 fasc.	6$500	7$800
DON JUAN — 7 fasc.	3$500	4$200
REI AMOROSO — 9 fasc.	4$500	5$400
A GRANDE AVENTURA — 8 fasc.	4$000	4$800
A DAMA DE BRANCO E A DAMA DE PRETO — 7 fasc.	3$500	4$200
A MARQUEZA DE POMPADOUR — 6 fasc.	3$000	3$600
O RIVAL DO REI — 7 fasc.	3$500	4$200
TRIBOULET — 8 fasc.	4$000	4$800
PATEO DOS MILAGRES — 10 fasc.	5$000	6$000
A RAINHA ISABEL — 8 fasc.	4$000	4$800
PASSAVANT — 9 fasc.	4$500	5$400
MARIA ROSA — 8 fasc.	4$000	4$800
FLORES DE PARIS — 20 fasc.	10$000	12$000
FLORINDA A BELLA — 5 fasc.	2$500	3$000
O CONDE REI — 6 fasc.	3$000	3$600
A RAINHA DO ARGOT — 13 fasc.	6$500	7$800
O FIM DE PARDAILLAN — 8 fasc.	4$000	4$800
O FIM DE FAUSTA — 8 fasc.	4$000	4$800

Pedidos á **EMPRESA "FON - FON" E SELECTA S. A.**

Rua Republica do Perú, 62 — RIO DE JANEIRO

A RECEITA INFALLIVEL (conclusão)

cido em seus respectivos paizes. Fareja um amavel mysterio. Sente-se impaciente para conhecer detalhes sobre seu homonymo. E vae á entrevista. E então...

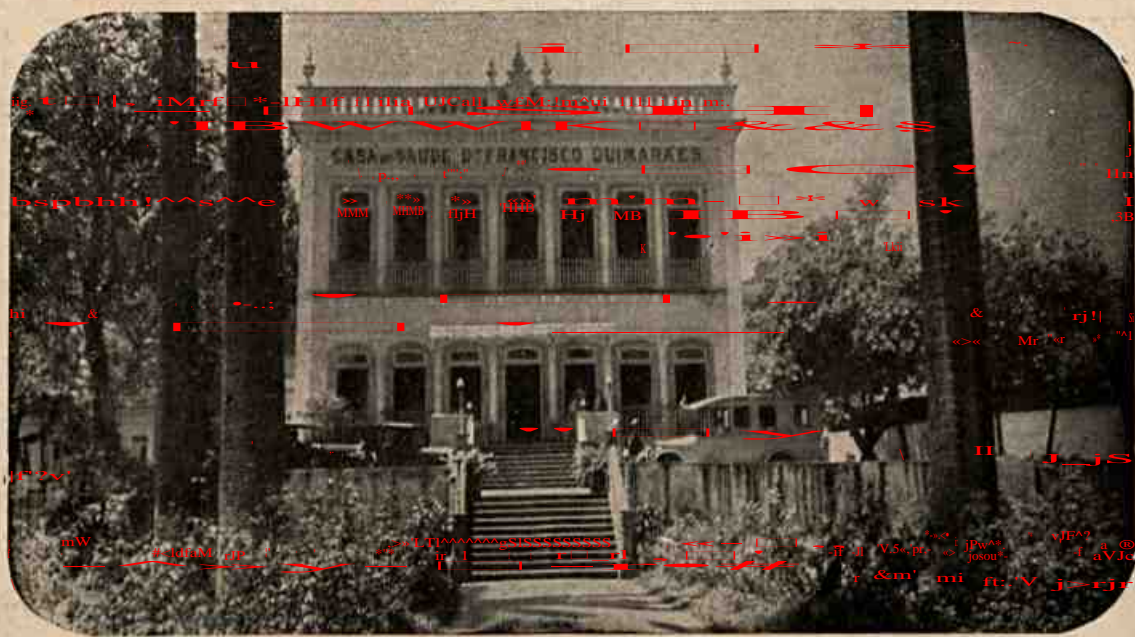
— E então?...

— Partida ganha! Quando elle se encontra em minha presença, eu expresso decepção e surpresa. Exclamo: "Mas, não foi o senhor que eu conheci em Havana... ou em Calcuttá... ou em Philadephia!... Evidentemente, se trata de alguem que teve a ousadia de apropriar-se de seu nome... Muito me entristece este malentendido... Tanto mais quanto o Hernandez que eu conheci... ou sir Daniel... ou Tennison... é infinitamente menos sympathico do que o senhor!" O homem se sente lisongeado, me consola e aceita o copo de vinho... E bebendo o vinho, fico tranquillo: venci, tenho amizade certa por todo o tempo em que Hernandez, sir Daniel ou Tennison permaneçam em Paris... Já conheces meu segredo, criatura! De lado a discreção, promette-me que não escreverás a nenhum estrangeiro prestigioso sem antes me informar disso. As casualidades são grandes. Imagina o que secederia si ambas escrevessemos a mesma carta ao mesmo homem!

Marion prometteu, desfez-se em agradecimentos e sahiu da casa de sua amiga, disposta a experimentar o systema aconselhado por ella. Mas, naturalmente, não abrigava a menor intenção de proceder com ella tal como o haviam combinado. Para que participar com Beatriz dos beneficios que sua campanha pudesse trazer lhe, fazendo-lhe saber quaes eram os estrangeiros escolhidos por ella e, dessa fórma, correndo o perigo de que sua amiga pretendesse disputar-lhe os melhores, deixando lhe, em compensação, os menos interessantes? Não! decididamente, ella não era tão tola!

Disposta a agir por sua propria conta, leu durante varios dias as listas dos passageiros recentemente chegados ao paiz. Desse modo, encontrou, afinal, o que lhe pareceu conveniente. Com sua melhor calligraphia, escreveu a carta, remetteu-a e aguardou os acontecimentos. Tres dias depois, de novo se apresentava em casa de Beatriz, com o rosto cheio de ecchymoses e um olho inchado. E ás perguntas de assombro de Beatriz, respondeu, gemendo:

— Fiz como tu me disseste. Escrevi uma carta a John Walter Bixalss, cujo nome estava na lista das notabilidades hospedadas no Concorde Palace Hotel, procedente de Chicago. Hoje, elle appareceu em minha casa. E' uma especie de gigante, pele-vermelha, sanguineo. E logo que se viu deante de mim, foi logo me dizendo, feroz: "Ah! Então é você a mulher mascarada que me atirou, lá em Chicago, numa cilada para que descobrissem meu carregamento de cognac? E agora, está encarregada pela policia de seguir-me os passos em Paris... Tome, tome!... Assim você perderá o gosto pela espionagem..." E vibrou-me varios murros, como si estivesse batendo num *punching-ball* e, em seguida, desappareceu como uma tromba... Ah! Teu systema, na realidade, não vale nada!

Valer, valia. Estava demonstrado. Apenas apresentava sua primeira falha... E Beatriz, apesar de a victima ser sua amiga, não poude deixar de rir.

DISPAROS SEM PONTARIA

UMA mulher nunca ri inutilmente... Ou é de ti ou para ti. No primeiro caso, a experiencia te dirá o caminho a seguir e no segundo... paciencia e perseverança.

* * *

"Antes ser do que parecer." Conheço certos homens que são Quasimodos e, no emtanto, apparentam Apollos...

* * *

A fama que acompanha certos parlamentares faz lembrar a historia do papagaio: "Falla, fala, não fala não sinhô, mas pensa é com elle..."

* * *

O individuo reconhecido é aquelle que pretende pedir mais.

* * *

A agua é para o corpo o que a bôa leitura é para o espirito.

* * *

Ha muitas mulheres em quem a leitura dá dôr de cabeça...

* * *

Livros existem que são como as aguas do rio Amazonas: barrentas na massa, alva no copo.

* * *

O requerimento é a fórma mais dispendiosa para o individuo conseguir uma injustiça.

O silencio é para a mulher o que a oratorio é para o homem: conquista.

* * *

Entre o insulto e a lamentação, prefiro o insulto, por ser mais sincero; — ha muita hypocrisia na piedade.

* * *

Como o pharól é um aviso aos maritimos, o meu monoculo escuro é um aviso a certas mulheres... Quantas não têm naufragado por olhar uns sapatos de verniz!...

* * *

A ironia é o brado de revolta dos homens intelligentes.

* * *

O tratamento das mãos é consolo para as solteironas: a unica maneira de, sem escandalo, poderem pedir á mão aos cavalheiros...

* * *

Desconfia do apostolo que fuma e bebe. As suas palavras têm a peçonha dos seus vicios.

* * *

E' muito difficil encontrar um convite para matar a fome; mas para animar o vicio, os corruptores estão sempre a postos...

* * *

Ha mulheres que ficam indignadas com as "blagues" dos escriptores. Qual o individuo que se não queixa quando lhe furtam algo? Ora, desde Adão que o homem protesta contra o primeiro attentado ao seu pensamento e a ausencia da sua costella...

* * *

No Amôr, ao contrario da Poesia, a metrica quebra a rima...

* * *

O cansaço é um alimento para o amôr: fatigado de um, procura-se outro...

* * *

Somente se deve acreditar na Felicidade como galanteio; na Amizade como symbolo; e no Amôr como renuncia...

* * *

O futurismo, como *escola*, só no Amôr...

* * *

Nada mais sublime que o Horrivel.

ADONAI DE MEDEIROS

UM PARA O OUTRO...

ROSITA sahira do collegio, onde fôra educada, innocente e pura, como quando para lá entrára. Desconhecia todas as vicissitudes da vida e sonhava ainda com um principe encantado, o principe de seus sonhos.

Em casa, no aconchego do lar, poude, feliz, manter as suas illusões sobre a existencia.

Um dia, finalmente, veiu a amar. O seu affecto começou e seguiu como todos no genero: um insistente olhar delle, um enleio, uma commoção por parte della, depois uma ligeira conversação e, finalmente, o "flirt", o namoro.

Havia muito que elles se queriam e se amavam. Fitando-o, Rosita tinha a impressão de que elle era o homem do seu destino, que aquelle namoro estava designado no livro de sua existencia. Parecia reconhecer tudo isso no olhar e no sorriso delle, como si aquillo já lhe fosse familiar ha seculos.

Augusto, a queria muito; sobejas provas de amôr lhe havia dado.

Naquella noite, em que diversas pessôas se reuniram para ouvir uma serenata ao luar, toda ella se entregava a um sonho, ao devaneio do pensamento.

Uma voz plangente, emquanto as mãos tangiam as cordas do violão, entoava a canção: "Você nasceu para mim... eu nasci para você..." E Rosita concordava intimamente. Ella e Augusto haviam nascido somente um para o outro.

Mas um dia, e esse dia foi cruel para Rosita, soube, por uma creatura que parecia muito innocente, que o seu Augusto, além della, tinha muitas outras namoradas.

Sentiu um abalo profundo; chorou muito tempo convulsamente, com uma raiva insopitavel do amado. Aquillo foi a derrocada de todos os seus sonhos! Augusto então não nascêra só para ella?! Podia elle achar prazer em outras mulheres?! Tudo aquillo que acreditava era apenas fantasia?

Agora, apesar de sentir que ainda gostava, e muito, do rapaz, não queria saber mais delle. A creatura que lhe déra aquellas informações, asseverára-lhe que todos os homens eram iguaes. Rosita não desejava renunciar ao matrimonio; preferia, no emtanto, agora, casar-se com um rapaz que não amasse, pois lhe seria indifferente a vida amorosa delle. A Augusto é que não perdoaria.

Lembrou-se depois que seria enganada da mesma fórma e teria a desvantagem de não ter mais os carinhos do homem que adorava.

A joven perdia-se num mundo de conjecturas.

E si ella se conformasse com a situação? Si, por querer muito Augusto e para ser feliz, lhe perdoasse. Mas não seria aquillo uma humilhação? Nessa felicidade havia algo de amargo, da mesma maneira que se casasse com um homem a quem não amasse. Considerou na tristeza das duas felicidades e preferiu, sendo assim, conceder o perdão.

No emtanto, Rosita hesitou. A sua vaidade não permittia que ella fosse humilhada.

E si, namorando Augusto, flirtasse com outros? Desse modo igualaria a acção de ambos e não se sentiria rebaixada.

A moça começou, então, a reconhecer que não nascêra só para elle; lembrava-se agora dos olhares, do interesse que despertava em outros homens, nos bailes, nos theatros, na rua... e assentou aquella resolução.

* * *

Uma amiga de Rosita costumava dar reuniões semanaes, a que compareciam muitos rapazes da alta sociedade. Organizavam elles um grande festival e naquellas noites de serão combinavam quasi sempre os mesmos planos. Os seus unicos fitos eram as horas agradaveis que passavam. Ouvia-se musica — violão, banjo, dança-se... fazia-se o ruido proprio de uma festa em que a maior parte das pessôas eram homens, todos muito jovens e alegres.

Rosita, com os seus meneios adoraveis, o seu encanto seductor, a graça com que cantava foxes, imitando as americanas, tornára-se desejada e imprescindivel naquellas reuniões.

Era ella, dalli, todo o encanto. A sua chegada era recebida com viva demonstração de prazer. Au-

De Walter de Sequeira

gusto, por acanhamento, devido a não ir tomar parte no festival, não comparecia ás brincadeiras.

Rosita, entre os rapazes que a cortejavam, havia distinguido um, que achára muito sympathico, e em quem despertára um interesse maior. Nem mesmo o facto de sabêl-a namorando outro refreára o affecto delle. A moça sempre se esquivára, mas agora...

Naquella noite, quando o barulho das vozes se confundia com o estrepito da musica, Raul, como sempre, a procurou, e teve o radiante prazer de notar que Rosita havia mudado. Não se afastou delle. A conversação, dado a apathia que, havia muito elle sentia pela moça, tomou um cunho mais terno:

— Acho-a hoje tão differente!

— Crê que os homens mereçam sempre a fidelidade de suas amadas?

— Por que não? Julgo que reconhece os encantos que possúe e os dons que tem para fazer-se adorar.

— Talvez só o senhor pense desta fórma.

Sorrisos cheios de enleio, olhares langorosos e demorados, e estava estabelecido o "flirt". Depois, encontraram-se na rua, algumas vezes.

Chegou novamente o dia das reuniões. A sympathia de Rosita por aquelle moço augmentára, e, naquella noite, ao tornar a vêl-o, a joven tinha a impressão que não devia namorar outros, pois havia encontrado, finalmente, o homem do seu destino. Era elle e não Augusto.

E quando a voz plangente, no violão, entoou a cantiga: "Você nasceu para mim... eu nasci para você..." — os olhos delle e della instinctivamente se procuraram.

Numa festa em que Augusto encontrou Rosita e Raul, ella não deu a minima importancia ao ex-namorado e sentiu-se radiante ao vêl-o desilludido, espezinhado. Pudéra vingar-se assim.

Continuando a flirtar o outro, a moça começou a notar que o namoro era a repetição do que já fizera com o primeiro, as phrases de amor tinham a banalidade de sempre. Os enleios eram tambem os mesmos. E de novo seu ex-amado lhe appareceu na mente com a vantagem de ter despertado seu primeiro e grande affecto.

Mais tarde, Rosita soube tambem que Raul tinha outras namoradas; então, indignada, rompeu com elle. Sentiu-se desanimar; ficou desilludida.

Uma noite, com grande surpresa sua, Augusto foi visitál-a. Quando, em certa hora, ficaram a sós, na sala de visita, elle se dirigiu a ella, acerbamente:

— Como ousou na minha frente, naquella festa, namorar outro homem? O seu procedimento não tem qualificação!

— E o seu? Pensa talvez que ignoro a existencia das suas outras garotas?

Tornou-se lacrimosa e com os labios a tremerem:

— Eu apenas o namorava, emquanto o senhor...

Augusto quiz na ironia vingar-se:

— O coração dos homens é muito grande; o das mulheres é pequeno. Um só rapaz é tão completo que basta para prender a attenção de uma joven; ao passo que ellas precisam ser muitas para elle ter a idéa de um todo.

Rosita sorriu, com desdém:

— Engana-se. Os homens é que são tão iguaes e vazios, que um só chega para a mulher conhecer a todos; ao passo que ellas têm o caracter tão rutilante e variado, que jamais os cansam.

— Sendo assim, não ha mal que eu namore uma porção.

A moça enfureceu-se; avançou para elle, com os punhos cerrados.

— Infame! Odeio-o! Odei-o!

Dos seus olhos desataram as lagrimas. Augusto, satisfeito, abraçou-a de encontro ao coração.

— Mázinha! Não vê, então, que a distingui das minhas outras namoradas? Olhe, como prova, quero que marque hoje mesmo o dia dos nossos esponsaes.

Ella olhou-o, fixamente, quiz resistir, mas sentiu que ainda o amava... e acceitou.

Não pudéra ser mais forte, esquecendo-o, mas tinha agora um prazer muito feminino: é que conseguira espezinhar as outras mulheres, vencendo-as no coração delle.

(Continuação)

Admittindo-se que elle levasse toda a viagem a escrever o testamento, o comboio era um expresso que não parou senão uma vez entre Norwood e London Bridge.

Lestrade poz-se a rir.

— O sr. Holmes é excelso de mais para mim quando começa com as suas theorias; mas o que tem que ver isso com o caso?

— Isto corrobora simplesmente a declaração do rapaz, sobre o ponto de que o testamento foi feito por Jonas Oldacre no percurso da viagem. E' curioso, não é, ter feito um documento destes em taes condições?... Isto traz logo á idea que este acto não tinha maior importancia na sua opinião. Um homem que faz desta maneira o seu testamento, não parece que tenha grandes tenções de o tornar effectivo.

— E todavia, naquelle momento assignou a sua sentença de morte! disse Lestrade.

— Deveras?

— Não lhe parece?

— E' possivel, mas não acho o assumpto bem elucidado, pelo que me diz respeito.

— Bem elucidado!... Ora essa! Que assumpto quer o senhor mais claro do que este? Um rapaz que de repente sabe que por morte de um velho ficará possuidor de uma grande fortuna, que faz elle? Sem dizer nada a ninguem, dá um pretexto qualquer para se ausentar, vae nessa mesma noite visitar o seu cliente, espera o momento em que a ultima pessoa da casa se vá deitar, para depois á vontade matar o velho, no seu quarto, queimar o cadaver sobre uma pilha de madeira, e ir-se deitar para um hotel da vizinhança. As nodoas de sangue na casa e na bengala são muito leves; é bem provavel que elle estivesse convencido que pudesse commetter o crime sem grande derramamento de sangue, e não hesitou em julgar

O EMPREITEIRO

(SHERLOCK - HOLMES)

que, se o cadaver pudesse ser consumido, ficaria para sempre ignorado o genero de morte da sua victima... e evitaria que as suspeitas recahissem sobre elle. Não lhe parece evidente?

— Parece-me até demasiado evidente, meu caro Lestrade, disse Holmes. Entre as suas varias e grandes qualidades, falta-lhe a imaginação; mas se você pudesse em pensamento pôr-se no logar desse rapaz, escolheria para perpretar o crime, justamente a noite em que o testamento tinha sido feito em seu favor? Não acharia arriscada essa coincidencia dos dois factos? Alem disso, teria você escolhido uma occasião dessas, em que toda a gente podia saber que você tinha ido áquella casa, visto que fôra o proprio creado quem veio abrir a porta?

Teria emfim tido a cautela de fazer desapparecer o cadaver, e deixar a sua bengala em evidencia para affirmar que era você o assassino?

Confesse, Lestrade, que tudo isso é muito inverosimil.

— Emquanto á bengala, o sr. Holmes sabe tão bem como eu, que um criminoso está ás vezes tão perturbado, que não procede como uma pessoa a sangue frio. Sem duvida teve medo de voltar ao quarto para a ir buscar. Apresente-me pois uma hypothese que possa conciliar-se melhor com os factos.

— Facilmente lhe poderia indicar meia duzia delas, disse Holmes. Aqui tem uma por exemplo, possivel, e mesmo provavel. Offereço-lh'a: o velho está através da janella, porque o "store" está só meio corrido; o procurador sae, e o vagabundo faz a sua entrada, péga na bengala que se lhe depara, mata Oldacre, e desapparece depois de ter queimado o cadaver.

— Porque motivo o faria o vagabundo desapparecer?

— E porque o teria queimado Mac Farlane?!

— Para fazer desapparecer todas as provas.

— Um vagabundo sentiria egual necessidade de occultar o crime.

— Mas como é que um vagabundo não roubava nada?

— Porque nunca poderia negociar aquelles valores.

Lestrade abanou a cabeça bastante hesitante, embora me parecesse ter perdido um pouco da sua confiança.

— Está bem! sr. Holmes, vá procurando o seu vagabundo, emquanto nós temos o nosso homem filado. O futuro dirá qual de nós tem razão. Mas note este pormenor, senhor Holmes: nenhum documento, que se saiba, foi roubado, e só o nosso prisioneiro é que não tinha necessidade de os tirar, pois que, sendo herdeiro, mais tarde lhe iriam parar ás mãos!

O meu amigo pareceu impressionar-se com esta observação.

— De accordo que as apparencias são todas favoraveis ao seu systema, disse elle; desejo apenas demonstrar-lhe que ha outros possiveis. Como acaba de dizer, o futuro decidirá. Adeus! Talvez que ainda hoje eu vá a Norwood ver como vão as coisas.

Depois da sahida do policia secreta, o meu amigo levantou-se, e fez os seus preparativos para os trabalhos do dia, com o ar diligente de uma pessoa a quem agrada o que vae fazer.

— O meu primeiro cuidado, disse elle vestindo a sobrecasaca, vae ser dirigir-me a Blackheath.

— Porque não a Norwood?

— Porque neste caso ha um facto extraordinario que é como que o seguimento de um outro facto

DE NORWOOD

POR CONAN DOYLE

tambem singular. A policia commetteu o erro de concentrar toda a sua attenção sobre o segundo, porque é o unico que constitue o crime. Para mim é evidente que a logica exige ao encetar estar causa, que se elucide o primeiro ponto... Aquelle fantastico testamento, feito tão rapidamente, instituindo um herdeiro tão inesperado. Isto poderá facilitar a solução... Não julgo, meu bom amigo, que você me possa ajudar; não ha perspectiva alguma de perigo, sem o que, eu nem ao menos pensaria em partir sosinho. Espero ainda esta noite lhe poder annunciar alguma descoberta justificando este pobre rapaz que se pôz sob a nossa protecção.

O meu amigo entrou tarde, e vi logo nas suas feições fatigadas, no seu ar inquieto, que tinha falhado a grande esperança que de manhã o animava. Pôz-se a tocar violino durante uma hora para vêr se conseguia acalmar a excitação dos nervos. Por fim, atirou com o instrumento, e contou-me detalhadamente os seus infortunios.

— Tudo vae mal, Watson, o peor possivel; mostrei firmeza perante Lestrade, mas realmente desta vez parece-me que elle está na verdadeira pista e nós na falsa. O meu instincto pende para um lado, os factos materiaes para o outro, e receio muito que os bons jurados inglezes não tenham a dóse de intelligencia que leve a acreditar de preferencia no meu systema, do que nos factos positivos apresentados por Lestrade.

— Sempre foi a Blackheath?

— Sim, Watson, fui lá, e comprehendi logo que o fallecido Oldacre era um famoso tratante. O pae de MacFarlane, tinha partido em busca de seu filho, estava só a mãe em casa, uma mulherzinha baixa, de cabellos ondeados, olhos azues, toda tremula de susto, e de indignação. Já se vê, ella nem sequer admittia a possibilidade de um crime commettido por seu filho, mas não mostrava a menor surpreza, nem o menor pezar pela morte de Oldacre. Pelo contrario, ella falou-me de tudo aquillo com tanto azedume, que inconscientemente a sua attitude vinha fortalecer o processo da policia, pois que se seu filho a ouviu falar assim, com certeza se predispoz para o odio, e para a violencia.

"— Mais parecia um macaco mau e velhaco, do que um ser humano — disse-me ella, e sempre assim foi, mesmo quando era moço.

"— Conheceu-o nessa epoca?

"— Ora, conheci-o perfeitamente. Chegou mesmo a pedir a minha mão. Graças a Deus o bom senso de a recusar, para casar com um homem muito bom ainda que menos rico. Estava mesmo noiva delle, quando me contaram uma historia ignobil a seu respeito: tinha fechado um gato num viveiro de passaros! Fiquei tão horrorizada com a sua crueldade que nunca mais o quiz ver."

Procurou na sua secretaria, achando afinal uma photographia de mulher mutilada a golpes de canivete.

"— É o meu retrato — disse ella — devolveu-m'o neste estado, no dia do meu casamento, acompanhado da sua maldição.

"— Está bem, disse-lhe eu, ao menos elle perdoou-lhe agora, visto deixar toda a sua fortuna a seu filho?

"— Nem meu filho, nem eu queremos nada de Jonas Oldacre, quer esteja vivo ou morto, exclamou ella com energia. Ha um Deus do ceu, sr. Holmes; foi Elle quem castigou esse malvado, e que provará no devido momento, que o meu filho não manchou as mãos no seu sangue!"

"Fiz varias tentativas, mas não consegui nada que auxiliasse a nossa hypothese, antes ao contrario, certos pormenores que a prejudicavam. Desisiti, e parti para Norwood.

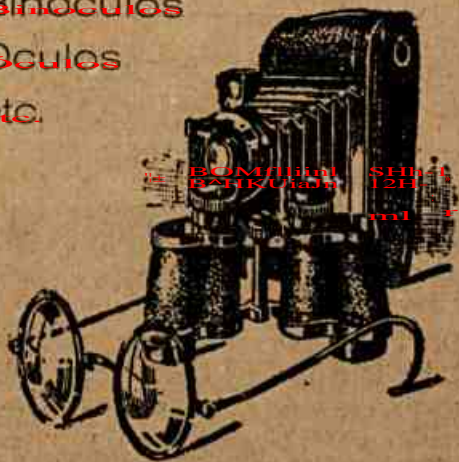
"A casa chamada Deep Deen House é uma importante casa de campo, moderna, construida de tijolos vermelhos, situada no meio de uma planicie, e cercada de loureiros. A' direita e á pouca distancia da estrada, está o pateo onde se achavam as pilhas de madeira, e onde rebentou o incendio. Aqui tem a planta, na minha carteira.

"Esta porta de vidraça á esquerda é do quarto de Oldacre; da estrada vê-se para dentro. Foi a unica compensação do meu dia. Lestrade não estava lá, mas o seu agente em chefe fez-me todas as honras. Acabavam de descobrir uma forte aggravante. Depois de passarem a manhã a remexer as cinzas, tinham achado perto dos restos humanos carbonisados muitos discos de metal descorados.

Examinei-os cuidadosamente; eram sem duvida alguns botões de calças; pude mesmo differençar num delles o nome de Hyams, o alfaiate do velho Oldacre. Remexi a relva com o maior cuidado para me certificar se havia signaes de passos, mas a secca tornou a terra dura como ferro.

Não se poude distinguir nada, senão que um fardo fôra arrastado através de um massiço de plantas que ha na direcção das pilhas de madeira. Tudo isto condiz com a base da accusação. Durante uma hora, e debaixo do ardente sol de agosto, arrastei-me de bruços na relva sem adiantar nada.

Depois deste fiasco, fui ao quarto da cama, que examinei miudamente. As manchas de sangue eram muito ligeiras, quasi sem côr, mas sem duvida alguma muito recentes. A bengala tinha sido removida, e tambem estava ligeiramente suja de sangue. Pertence ao nosso cliente, não ha duvida nenhuma,

(Continúa na pagina seguinte)

elle proprio a reconhece. Sobre o tapete ha signaes de passos de dois homens, mas não os ha de uma terceira pessoa. Neste ponto ainda os nossos adversarios vencem, continuam accumulando as suas aggravantes emquanto nós ficamos no *statu quo*.

"Só tive um simples raio de esperança, e esse insignificante. Examinei o conteúdo do cofre: a maior parte dos objectos que continha estavam dispersos em cima da mesa. Os papeis tinham sido mettidos em envelopes sellados, dos quaes um ou dois foram abertos pela policia.

"Não tinham, segundo me pareceu, grande valor, e o caderno de cheques não indicava que o sr. Oldacre fosse possuidor duma grande fortuna. Pareceu-me comtudo que não estavam alli todos os documentos.

"Havia allusões a certos titulos, os que eram com certeza de mais valor, que eu não consegui achar. Se nós o pudessemos provar, já se vê que isso faria mudar de opinião Lestrade, porque, que interesse podia ter o nosso cliente em roubar titulos que devia herdar?

Emfim, depois de ter revistado tudo sem descobrir indicio algum, voltei-me para a governante, Mistress Lexington, assim se chama ella, uma mulher trigueira, muito calada, de olhar desconfiado e vago. Estou convencido de que, se ella quizesse, nos poderia contar muitas coisas, mas é calada como uma porta.

Disse-nos que tinha introduzido o sr. Mac Farlane ás 9 horas e meia. O seu quarto era na outra extremidade da casa, de forma que não podia ouvir nada do que se passara no de seu amo.

O sr. Mac Farlane, se ella bem se lembrava, deixara na ante camara o chapeu, e a bengala. Ella só tinha acordado aos gritos de "Fogo". O infeliz amo tinha decerto sido assassinado.

"— Teria inimigos? Toda a gente tem inimigos, mas o sr. Oldacre vivia tão retirado, e não frequentava ninguem senão para os seus negocios! Viu os botões, e estava certissima que eram do fato que elle tinha vestido naquella noite.

"A pilha de madeira estava sequissima porque não chovia havia mais dum mez; ardeu como uma isca e quando ella chegou, não se viam senão labaredas. Assim como todos os bombeiros, sentira o cheiro da carne queimada.

"Não sabia nada nem dos documentos, nem dos negocios particulares do sr. Oldacre. Aqui tem, meu caro Watson, o relatorio do meu insuccesso. E com tudo... comtudo... — disse elle cerrando as mãos delgadas no paroxismo da convicção... — sinto que a acusação toma mau caminho, sinto-o bem no meu intimo.

Ha alli qualquer coisa que não é clara, mas que a creada com certeza sabe. Ella tinha no olhar a desconfiança instinctiva de quem se acha ao facto de um crime. Mas que importa? Para que havemos de pensar nisto, Watson! A não ser que um feliz acaso nos ajude, receio bem que o desapparecimento de Norwood não entre na lista dos nossos successos, que prevejo serão mais tarde ou mais cedo dados á publicidade.

— Entretanto — disse-lhe eu — a attitude do accusado deve impressionar favoravelmente o jury.

— Não nos podemos ficar nisso, Watson; não se lembra daquelle terrivel assassino Bert Strevens que nos pediu para nos interessarmos por elle em 1887? Conheceu porventura alguem de apparencia mais agradavel, de maneiras mais melifluas?

— E' verdade!

— A não ser que possamos apresentar outra theoria que o justifique, o nosso pobre rapaz está perdido! Você não poderá encontrar em todo o processo um unico ponto que não seja uma arma contra elle, e todo o inquerito é terrivel. Temos todavia um pormenor relativo aos papeis de credito que talvez nos venha a servir como ponto de partida para investigações. Vendo o caderno de cheques, notei que o saldo do credito de Oldacre era quasi insignificante, pelo motivo de que no anno passado assignou cheques importantissimos a um tal sr. Cornelius. Confesso que estimava immenso saber quem é esta personagem com quem o empreiteiro afastado dos negocios fez transacções tão importantes. Não entraria ella de algum modo neste drama? Cornelius pode ser um corrector; comtudo não achei nota alguma que correspondesse a pagamentos de tal valor. A' falta de outras informações, pode-se ir ao Banco saber quem é a pessoa que ali cobrou esses cheques; apesar de tudo tenho muito medo que o nosso negocio falhe miseravelmente, e o Lestrade faça enforcar o seu cliente, sendo uma gloria para Scotland Yard.

Nunca cheguei a saber se Sherlock Holmes dormiu bem nessa noite; ao almoço achei-o pallido e fatigado, com olheiras fundas que lhe tornavam os olhos ainda mais brilhantes.

O tapete em redor da sua cadeira estava juncado de pontas de cigarro, e jornaes da manhã. Sobre a mesa estava um telegramma aberto.

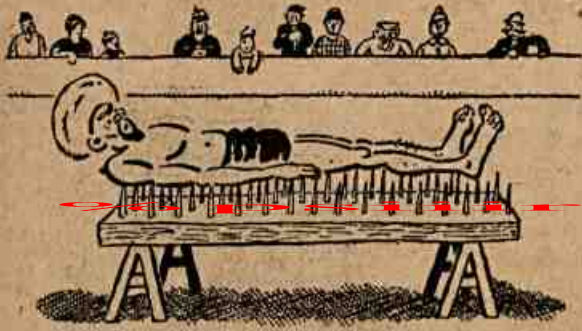
— Que lhe parece isto? disse Holmes mostrando-m'o.

Era expedido de Norwood, nos termos seguintes:

"Nova circumstancia aggravante; está provado definitivamente a culpabilidade Mac Farlane. Aconselho-o a abandonar a causa.

Lestrade".

— Parece-me serio! exclamei eu.

— E' o canto triumphal de Lestrade — respondeu Holmes com um sorriso amargo. Todavia, ainda é cedo para abandonar a nossa causa. Além disso, uma nova aggravante é ás vezes uma arma de dois gumes, e póde provar uma coisa bem differente do que Lestrade julga. Vá almoçar, Watson, sahiremos depois a ver o que se pode fazer. Parece-me que hoje terei necessidade da sua companhia e do seu auxilio moral.

O *Fakir* — Que coisa intoleravel! Tenho uma pulga nas costas...

O meu amigo não almoçou, era já habito delle nas grandes occasiões não tomar alimento algum, mas apesar da confiança depositada na sua robusta constituição, varias vezes o vi cambalear de fraqueza.

"Nestes momentos não posso consagrar á digestão, a minha energia e força de nervos", costumava elle dizer quando eu, como medico, lhe fazia as minhas amigaveis advertencias. Não me admirei, pois, quando nessa manhã o vi sahir commigo em direcção a Norwood sem ter tomado a mais ligeira refeição.

Uma multidão sempre ávida de espectaculos desagradaveis, cercava ainda Deep Deen House, a casa de campo já descripta. Lestrade vinha do jardim; dirigiu-se a nós com uma cara radiante, exultando num triumpho de mau gosto.

— Então, sr. Holmes, chegou a provar o nosso erro? Achou o seu vagabundo? exclamou elle.

— Ainda não formulei nenhuma conclusão — respondeu o meu amigo.

— Pois nós formulamos hontem as nossas e temos prova absoluta. Desta vez, senhor Holmes, tem que concordar que lhe demos um pequeno quinau.

— Realmente você está com ares de quem descobriu qualquer coisa de extraordinario.

Lestrade soltou uma estrondosa gargalhada.

— O senhor afinal é como os outros, não gosta de ser vencido, disse elle; a gente nem sempre pode ter razão, não é verdade dr. Watson? Entrem por aqui, meus senhores, creio que os convencerei de que foi com effeito Mac Farlane quem commetteu o crime.

Fez-nos atravessar o corredor, e entrar num vestibulo escuro que havia ao fundo.

— E' aqui que o joven Mac Farlane deve ter vindo buscar o seu chapeu, depois de praticar o crime, disse elle. — Olhem para isto...

Com um gesto dramatico, acendeu um phosphoro, e vimos uma nodoa de sangue na parede caiada. Quando aproximou mais o phosphoro, percebi que não era uma nodoa, mas sim a marca muito nitida de um pollegar.

— Observe com a sua lente, sr. Holmes.

— E' o que estou fazendo.

— O senhor decerto sabe que não ha dois pollegares que produzam a mesma marca, não e?

— Já ouvi dizer.

— Bom, queira pois comparar esta marca com a do pollegar direito de Mac Farlane, que hoje foi tirada por ordem minha.

Tinha na mão a fôrma em cera, ao lado da mancha de sangue; não era preciso a lente para verificar que ambas eram do mesmo dedo. Para mim era evidente que o nosso desgraçado cliente estava perdido.

— E' evidente! disse Lestrade.

— Sim, é evidente, repeti eu como um echo.

— E' evidente! disse Holmes.

Havia na sua voz um accento particular que me impressionou. Voltei-me para elle. A sua physionomia estava transtornada; os olhos brilhavam-lhe como estrellas, e percebia-se que estava fazendo um grande esforço para não se rir.

— Com effeito! com effeito! disse afinal. Quem o poderia acreditar? Como as apparencias illudem! Parecia um rapaz tão amavel... Deve isso servir-nos de lição para não nos deixarmos levar pela nossa primeira impressão, não acha, Lestrade?

— Sim, senhor Holmes, algumas pessoas têm o pessimo costume de se fiarem muito em si.

A insolencia do agente tornava-se irritante, mas era impossivel responder-lhe.

— Foi um acaso providencial este rapaz pôr justamente o pollegar direito na parede ao pegar no chapéu! E de facto, pensando bem, é um movimento tão natural...

Holmes estava muito sereno mas sentia-se nelle, sempre a luta contra o riso.

— A proposito, Lestrade, quem fez esta descoberta tão importante?

— Mistress Lexington, a creada, que atrahiu para este ponto a attenção do agente destacado para a noite.

— Onde estava esse agente?

— Ficou de guarda ao aposento onde se perpetrou o crime, para evitar que se mexesse em qualquer coisa.

— Mas como foi que a policia não viu hontem esta marca?

— Não havia motivo algum para examinar este vestibulo... tanto mais que está pouco em evidencia.

— Não, não. Já se vê, não ha decerto duvida nenhuma, sobre o caso de saber se a marca em questão estava alli hontem!

Lestrade olhou para Holmes como se julgasse que este houvesse endoidecido de repente. Eu proprio estava admirado das suas maneiras joviaes, e da sua observação um tanto incoherente.

— Então o senhor julga que Mac Farlane sahiu esta noite da prisão para vir em pessoa fornecer-lhe uma nova prova da sua culpabilidade? disse Lestrade. Qualquer perito nos affirmará que é com effeito a marca do seu pollegar.

— Sobre isso não ha que duvidar.

— Pois bem! Isso me basta, disse Lestrade; eu sou um homem pratico, senhor Holmes, e quanto assento numa prova, tiro della as minhas conclusões. Se quizer dizer-me alguma coisa, estou na saleta a redigir o meu relatorio.

Holmes tinha, finalmente, recuperado o seu bom humor, no qual divisei, não obstante, uma pontinha de ironia.

— E' deveras uma triste descoberta para o nosso cliente, não lhe parece, Watson? disse elle. Entretanto não está perdida toda a esperança.

— Estimo deveras ouvil-o dizer isso — repondi alegremente — porque já tinha pensado que tudo acabara para elle.

(Continúa na pagina seguinte)

— Que azar! Passei toda a semana trabalhando para falsificar um decimo de loteria, e depois não sahir premiado!

— Não quero dizer que esteja salvo, meu bom Watson, mas simplesmente que ha uma boa escapatoria na comprovação, á qual Lestrade liga tão alta importancia.

— Serio? Qual é?

— Esta simplesmente: *Estou certo* de que aquella nodoa não estava lá quando hontem examinei o vestibulo. E agora, Watson, vamos apanhar um pouco de sol.

N'uma certa confusão de idéas, mas com um raio de esperança no coração, acompanhei o meu amigo no seu passeio á volta do jardim. Holmes examinou successivamente, e sempre com a maior attenção, cada uma das quatro frestas da casa.

Depois entrou, e correu todo o predio desde o subterraneo até o sotão. A maior parte dos quartos não tinha mobilia; apesar disso Holmes observou-os muito minuciosamente.

Emfim, no corredor de cima para onde davam tres aposentos sem mobilia, teve um grande accesso de riso.

— Ha realmente pormenores bem singulares nesta questão, disse elle; parece-me que chegou o momento de fazer entrar o nosso amigo Lestrade na confidencia. Divertiu-se á nossa custa; pois agora vamos pagar-lhe na mesma moeda, se, como julgo, encontrei a chave do problema. Sim... sim, estou a ver como o havemos de resolver.

O inspector de Scotland Yard estava escrevendo na saleta quando Holmes o veio interromper.

— Está redigindo o seu relatorio, não é assim? disse elle.

— Sim, senhor.

— Não acha que é um pouco cedo? Não posso deixar de crer que a sua prova não esteja completa...

Lestrade conhecia bem o meu amigo para não se equivocar com o tom das suas palavras. Largou a penna, e olhou com curiosidade.

— Que quer o senhor dizer com isso?

— Que ha um indicio importante que você não viu.

— Póde apresental-o?

— Julgo que sim.

— Então apresente.

— Hei de fazer toda a diligencia. Quantos agentes tem?

— Aqui á mão tenho tres.

— Bem, disse Holmes; e são fortes? Têm boas vozes?

— Creio que sim, mas não percebo o que as vozes tenham que ver com tudo isto.

— Talvez eu o ajude a perceber, e ainda mais outras coisas, disse Holmes. Faça pois o favor de os chamar, e vou experimentar.

Cinco minutos depois estavam os tres agentes reunidos no vestibulo.

— No palheiro encontrarão os senhores grande porção de palha, disse Holmes. Queiram ir buscar dois mólhos... Hão de fazer apparecer a prova que n[...] esperamos. Obrigado, tem phosphoro, Watson? [...] agora, senhor Lestrade, tenha a amabilidade de v[...] commigo lá em cima.

Como eu disse, um comprido corredor commu[...] cava com tres quartos vasios.

Sherlock Holmes conduzia-nos para uma das e[...] tremidades deste corredor, emquanto os agentes ri[...] olhando muito fito para elle; na physionomia [...] Lestrade succediam-se expressões de espanto, de a[...] sidade e de ironia.

Holmes conservava-se parado deante de nós; d[...] se-ia um prestidigitador preparando uma das su[...] habilidades.

— Peço-lhe que mande vir cá para cima pelos se[...] guardas, dois baldes de agua. Ponham a palha [...] chão de cada lado, e longe da parede. E agora, es[...] tudo prompto?

Lestrade fez-se vermelho de colera.

— Não sei se o senhor Holmes quer divertir-se co[...] nosco; se sabe qualquer coisa, para que serve es[...] com todo este apparato?!...

— Affirmo-lhe, meu honrado Lestrade, que te[...] fortes razões para fazer o que faço. Você lembr[...] que ha apenas horas, zombava de mim quando o s[...] estava do seu lado; não vale a pena zangar-se ta[...] agora que o trato com toda a cortezia. Peço-lhe q[...] abra a janella, Watson, e deite fogo á palha.

Foi o que fiz; ateado pela corrente de ar, lev[...] tou-se no corredor uma espiral de fumo cinzento, e[...] quanto a palha secca flammejava crepitante.

— Agora vamos ver se podemos encontrar a su[...] testemunha, Lestrade. Juntem-se a mim e gritem[...]

— "Fogo"!

Gritem... Um, dois, tres!

— Fogo! gritamos nós.

— Muito obrigado! Mais uma vez... peço-lhes.

— Fogo!

— Ainda uma ultima vez, meus senhores e tod[...] juntos.

— Fogo!

A gritaria devia ouvir-se em toda Norwood. Hav[...] apenas terminado, quando se deu um espectaculo e[...] traordinario. Abriu-se de repente uma porta na ou[...] extremidade do corredor, onde parecia ser a pare[...] e um homemzinho todo encarquilhado sahiu de[...] como um coelho da toca.

— Bravo! disse Holmes tranquillamente. Wats[...] um balde de agua sobre a palha! Prompto! Lestra[...] dê licença que lhe apresente a sua testemunha pr[...] cipal, o sr. Jonas Oldacre.

O inspector encarou o desconhecido com uma e[...] pressão de espanto sem limites. O homem piscava [...] olhos á luz clara do corredor. Olhava para nós e p[...] o fogo que se ia apagando. Tinha uma cara odio[...] velhaca, viciosa, má, de olhos pardos, e pestan[...] brancas.

(Continua no proximo numero).

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 65$000
Semestre (26 ») .... 35$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 60$000
Semestre (26 ») .... 35$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 95$000
Semestre (26 ») .... 50$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4138
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500

COMO O RELOGIO...

que marca as horas, assim deve funcci-onar seu estomago. O relogio indica-lhe as horas das refeições. Seu estomago poderá recebel-as?

Se não está, é signal de que não funcciona como um relogio. E a causa mais commum é a indigestão. A indigestão é o motivo de sua inappetencia. Para livrar-se de todos estes males:

INDIGESTÃO

azias, prisão de ventre, vomitos, flatulencia, arrotos, gazes, etc.

LEITE DE MAGNESIA DE *Phillips*

O antiacido-laxante ideal

SE NÃO É PHILLIPS, NÃO É LEGITIMO!

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio | S. Bento, 55 — S. Paulo